

Directora: **Nassalete Miranda**
24 Setembro de 2014
Nº 131 | Preço: 2 euros
Quinzenalmente às quartas

AS ARTES ENTRE AS LETRAS

Hoje, às 18h30,
na Ordem do Médicos do Norte
Lançamento por Jaime Milheiro
e Manuel Sobrinho Simões



EM DESTAQUE // PÁGS. 5 e 6

O combate “memorável” das sombras

Lídia Jorge é homenageada
na 7.ª edição do Escritaria em Penafiel



EM DESTAQUE // PÁGS. 3 e 4

Agustina em nós

1.º Congresso Agustiniano
14 e 15 Outubro, na Gulbenkian

LITERATURA | Pág. 11

Miguel Torga: a eloquência dos últimos tempos

“Mergulhando nos três últimos Diários de Miguel Torga, do XIV ao XVI, vive-se uma exaltante experiência humana. É uma tarefa a que despreziosamente me dou e que faço com muita humildade”

Por Levi Guerra, o primeiro de uma série de textos que dedicará a Torga

CIÊNCIA | Pág. 22

“Mais Luz!”: 2015, Ano Internacional da Luz

“O Ano Internacional da Luz - 2015 - é uma iniciativa à escala global que pretende destacar aos cidadãos de todos os países a relevância da luz, em particular das tecnologias baseadas na luz, nas suas vidas e no seu futuro”

Por Carlos Fiolhais

MEMÓRIA | Pág. 24

Ariano Suassuna

“Desconhecido de tantos portugueses, Ariano Suassuna foi um dos grandes autores de língua portuguesa da segunda metade do século XX e inícios do século XXI. Romancista, poeta, dramaturgo e ensaísta, deixou-nos obras incontornáveis”...

Por José Almeida



SingularPlural, Arte & Comunicação, Unipessoal Lda.
Capital Social: 5.000 €
Número de Certidão: 0232-6801-3200
Conservatória do Registo Comercial de Vila Real

AS ARTES ENTRE AS LETRAS
Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 764 - 9.º Esq.
4050-012 Porto
Telefone e Fax: 22 606 35 56
Telemóvel: 91 803 56 76
E-mail: singplural@gmail.com

Publicidade
Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 764 - 9.º Esq.
4050-012 Porto
Telefone e Fax: 22 606 35 56
Telemóvel: 91 803 56 76
E-mail: singplural@gmail.com

FICHA TÉCNICA

DIRECTORA: Nassaete Miranda
EDITORIA: Isabel Fernandes
FOTOGRAFIA: Ângela Velhote
DIREÇÃO COMERCIAL: Maria José Guedes
GRAFISMO: Pedro Cunha
PAGINAÇÃO: Pedro Cunha
SITE: Criação no âmbito do projecto desenvolvido no ISLA por Joaquim Jorge Santana Oliveira
CONTACTOS: Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 764 - 9.º Esq. | 4050-012 Porto
Telefone e Fax: 22 606 35 56
Telemóvel: 91 803 56 76
Email: artesentreletras@gmail.com
REGISTO NA ERC
125685
IMPRESSÃO
Selecior - Artes Gráficas, LDA
Rio Tinto - Telef: 22 485 42 90
DISTRIBUIÇÃO
VASP - MLP, Media Logistics Park, Quinta do Grajal - Venda Seca 2739 - 511 Agualva Cacém
Telef: 21 433 70 00
PONTOS DE VENDA
contactcenter@vasp.pt
Telef: 80820655 - Fax: 80820613
PROPRIEDADE:
Singular Plural
NIF
509578942
TIRAGEM
1250 exemplares
Interrita a reprodução, mesmo parcial, de textos, fotografias ou ilustrações sob quaisquer meios, e para quaisquer fins, inclusive comerciais

CONSELHO EDITORIAL

Amaldo Saraiva | Agustina Bessa-Luis
António Vitorino d'Almeida | António Joaquim Oliveira
Carlos Fiolhais | Francisco Laranjo
Francisco Ribeiro da Silva | Helder Pacheco
Isabel Ponce de Leão | José Atalaya
José Rodrigues | Levi Guerra
Lidia Jorge | Luisa Dacosta
Manoel de Oliveira | Mário Cláudio | Miguel Cadilhe
Miguel Veiga | Salvato Trigo

COLABORADORES ESPECIAIS

Adelto Gonçalves | Alberto Cadilhe | André Lamas Leite
António José Queiroz | Armando Alves | Artur Serra Araújo
Carlos Cabral Nunes | Carlos Tavares | Cristino Cortes
Domingos Lobo | Eugénio Lisboa | Francisco d'Eulália
Francisco Simões | Guilherme d'Oliveira Martins
Jorge Leandro | Jorge Sanglard | J. Esteves Rei
José Carlos Seabra Pereira | Lauro António | Levi Guerra | Luís Cabral
Manuel Sobrinho Simões | Manuela Aguiar | Maria Antónia Jardim
Mónica Baldaque | Paulo Ferreira da Cunha | Ramiro Teixeira
Rodolfo Alonso | Rudesindo Soutelo | Silvina Pereira | Vasco Rosa

PARCERIAS



APOIOS



Esta edição segue para 100 Bibliotecas Municipais com o apoio do Banco BIC



Nassaete Miranda
directora

Entre Sentidos

Uma das cousas de que se devem acusar e fazer grande escrúpulo os ministros é dos pecados do tempo, porque fizeram no mês que vem o que se devia fazer no passado; porque fizeram amanhã o que havia de fazer hoje; porque fizeram depois o que se havia de fazer agora; porque fizeram logo o que haviam de fazer já. Tão delicados como isso hão-de ser as consciências dos que governam em matérias de momento. O ministro que não faz grande escrúpulo de momentos não anda em bom estado; a fazenda pode-se restituir, a fama, ainda que mal, também se restitui; o tempo não tem restituição alguma.

Padre António Vieira,
in Sermão da Primeira Domingo do Advento

O pedido de desculpas público dos ministros da Educação e da Justiça, sendo fora de tempo e traduzindo uma trapalhada monumental no modo de fazer dos seus gabinetes, demonstra um pequeno sinal de esperança (acredito que devemos teimar na procura diária de pontos de esperança, só assim respiramos). Independentemente de todas as críticas "sitiadas" na área da justiça, de todas as confusões em listas de colocação de professores e planos de contratação, encerramento de escolas, etc. etc., o facto de se assumir os erros perante o País é de louvar. Claro que os problemas não ficam resolvidos de forma imediata; claro que as asneiras acumuladas desgastam e são responsáveis por muitos antidepressivos, mas é justo que se destaque quem assume o erro e pede desculpas, sobretudo porque vivemos tempos (e desde já há demasiado tempo...) em que rareiam entre os decisores, governantes, autarcas,

gestores públicos, semi públicos, privados e quase privados, pessoas que escondem a incompetência com a sua prepotência -, hoje como ontem e infelizmente como amanhã, simplesmente porque "os pobres coitados" não sabem, ou não querem saber, que um pequeno gesto de humildade faz toda a diferença, mesmo que, repito, não elimine de forma automática e mágica, as más consequências dos problemas causados por decisões que não foram antecipadamente estudadas e equacionadas de forma abrangente e conhecedora.

O tempo, como muito bem disse o nosso muito lúcido Padre António Vieira, "não tem restituição alguma" porque uma vez perdido, não mais se encontra, por muito que se o procure. Mas o tempo é também bom conselheiro e como tal, ajuda a fazer escolhas no futuro. Em dias de visita permanente do desassossego e da inquietação, olhemos para amanhã sublinhando o melhor de hoje.

NOTA: Agustina e Lidia Jorge são dois nomes que fazem do nosso tempo um modo intemporal. Ambas são destaque nesta edição do AeL, ambas são o nosso orgulho em ser portugueses. A todos tomo hoje a liberdade de recomendar a leitura de "Os Memoráveis" de Lidia Jorge e de "Os Incuráveis", a Opera Omnia de Agustina. São boas leituras, em artes feitas.

NOTA

O jornal As Artes entre As Letras, que ainda não adoptou o novo Acordo Ortográfico, publica textos de colaboradores que o aplicam, respeitando, assim, o original.

ENTRENÓS

Porto já usufrui em pleno do TNSJ

O edifício do Teatro Nacional São João, Monumento Nacional desde Maio de 2012, que conta "com mais de dois séculos de história" já pode ser apreciado em pleno por portuenses e turistas. Esta devolução foi marcada pela cerimónia «Teatro Nacional São João 'devolvido' em pleno ao Porto» que se iniciou com a exibição do documentário «Restauro: o Teatro em obra» da autoria de Paulo Américo. Num investimento total de 960 mil euros, o edi-

fício, que conta com mais de dois séculos de história e que se situa na Praça da Batalha (no Porto), esteve cinco anos entaipado e cerca de 13 meses em obras. Entretanto, a nova temporada de espectáculos arrancou com «Pilades», de Pier Paolo Pasolini, com encenação de Luís Miguel Cintra. A peça é uma co-produção do Teatro da Cornucópia, Teatro Nacional São João e Teatro D. Maria II e está em cena até dia 5 de Outubro.

PARA ASSINAR ONLINE: WWW.ARTESENTREASLETRAS.COM.PT

À venda, para além dos locais habituais:

Poetria, Vivacidade, Instituto Cultural D. António Ferreira Gomes, Museu Nacional Soares dos Reis



Guilherme
d'Oliveira Martins
presidente do CNC

Em destaque

Agustina: Vontade e Destino

Agustina Bessa-Luís é na literatura portuguesa do século XX uma analista atenta das contradições e dos paradoxos que constituem a nossa identidade. Longe de se contentar com os brandos costumes (em que não crê), a romancista procura descobrir dentro das dissimulações e das aparências o que estas escondem e iludem. Essa a razão pela qual se preocupa permanentemente em interrogar o poder, a sua essência e as suas manifestações. Que é, no fundo, «A Sibila» senão essa interrogação sobre o português

em carne viva? E há sempre relações de poder quando cuidamos das relações humanas, desde a família à vida política. É uma característica de Agustina nunca o esquece.

Em «Os Meninos de Ouro», o romance que diretamente trata do tema do poder político, afirma que «o caudilho não nasce exatamente dos conflitos, para progredir num ambiente de luta pelo poder político; nasce sobretudo do ato de esperar, que é um pensamento de um povo, e da forma vazia da esperança, consequência imediata da forma repleta da esperança. A natureza do caudilho não é de maneira nenhuma rara. Em muitos homens se encontram qualidades de liderança, de humanização, responsabilidade e acomodação e reforma prontas a desenvolverem-se e a tornarem-se um polo emocional; mas se não se der esse acontecimento cíclico na esperança, a sua forma vazia do ato de esperar que é um pensamento, ele não tem hipótese de ser reconhecido». Aqui está tudo dito, indo ao encontro da compreensão do género humano, em que o caudilho é mais do que a ave de rapina que espera pacientemente a sua presa. Para Agustina, o ato de esperar é um pensamento e é mais decisivo do que imperar ou do que dominar. É uma relação paradoxal que precisa de tornar a espera esperança. Contra a lógica burocrática e a rotina, trata-se de procurar como mandar sem o controlo de se sentir seguro e protegido.

A regra é tantas vezes outra: o mando exerce-se normalmente sob a proteção de algo que reduz o risco e mascara a injustiça - isso marca a mediocridade e a irresponsabilidade. A dificuldade está em saber porque se pratica a in-



justiça sob honestos motivos. E o mundo está cheio de armadilhas e alçapões, mesmo e sobretudo onde menos se espera. «Apareciam as intrigas e as dissidências e, o que é pior, apareciam também as artes de enganar naqueles que eram os seus fiéis e que se consideravam nas condições de o suprimir e ultrapassar». Trata-se sempre de procurar na vida viva a estranha contradição entre a fidelidade e a infidelidade - sendo que ambas se confundem como todas as atitudes estranhas de sobrevivência: a fidelidade protegida torna-se infidelidade e a infidelidade formal pode tornar-se autêntica fidelidade. Os honestos motivos podem motivar a injustiça... E Agustina escolhe em «Os Meninos de Ouro» um símbolo, como tanto gosta: uma flor que se chama «Iris Boissieri», de cor violeta, que cresce nas matas do Gerês e que se confunde com muitos outros lírios de curta floração. É um lírio azulado que aparece «onde o solo oferece melhor condição ao passo e brota da terra de uma maneira espontânea, como se acordasse ao grito de Pan». Para a autora nunca ninguém cantou esse sinal da «alma portuguesa» - nem Sá de Miranda, nem Bernardim, os dois que melhor o poderiam ter feito. As geresianas indicam a rota sólida que vai em direção ao caminho certo. Está em causa «o tempo original em que a alma convive com a eternidade». É a vontade que encontra o destino. «Deus dá o sinal de que passa pelas trevas distantes e tudo se imobiliza, cóleras, segredos, vento que desce da serra, ecos das torrentes, palavras que descem como torrentes, tudo - e um amor imenso paira e reconcilia todas as coisas».

Se a política pode ser o culto da angústia e da renúncia, o certo é que esta se liberta pela busca do prazer e da recusa dessa mesma angústia. E José Matildes, a personagem de «Os Meninos de Ouro», «exigia o cumprimento da realidade como prazer sem quaisquer obstáculos, como puro relacionamento com a morte». Eis a chave do paradoxo vital. E, desarmante, a romancista diz: «Se uma lágrima descer sobre estas linhas como um fio de prata é porque existe consolação até ao último homem que por último desapareça; quando a ter-

ra rolar à volta do sol, com noites e manhãs, e só talvez o lírio geresiano olhe e pense no seu seio de cinzas». É a pura literatura que aqui se encontra, jogando, a cada passo, com a humanidade complexa e contraditória. As geresianas tornam-se a chave de tudo. É, de facto, insista-se, a vontade que encontra o destino. O sentimento, o prazer da vida, a recusa da angústia, mas também a melancolia, contra a brandura de entendimento ou a mediocridade do protecionismo. Essa planta fugaz representa a durabilidade e a capacidade de renascer sempre. José Matildes, como as geresianas, dispõe-se a ir à procura da rota sólida no máximo risco. É a vontade que se dispõe a construir (mais do que um encontro é um ato criador) o destino. Somos porque queremos e não porque outros nos julguem pelas nossas imperfeições. Eduardo Lourenço apela ao valor imperfeito do incerto e aventureiro. A lembrança e o desejo saudosos, cantados por Bernardim, e depois retomados por Francisco Manuel e Garrett aí estão. E Agustina encontra-se e desencontra-se com Camilo na busca audaciosa e propositadamente imprudente das raízes profundas do ser português, contraditório, teimoso, capaz de ceder, mas também ciente da força do antes quebrar que torcer... Estamos perante a busca prática de quem somos. Agustina é, por isso, tantas vezes contraditória, como, afinal, somos.

NOTA

Texto publicado ao abrigo da parceria estabelecida entre AS ARTES ENTRE AS LETRAS e o Centro Nacional de Cultura

Ética e Política na obra de Agustina Bessa-Luís

1º Congresso Internacional do Círculo Literário Agustina Bessa-Luís
Lisboa, 14-15 de Outubro 2014
Fundação Calouste Gulbenkian

O Círculo Literário Agustina Bessa-Luís (CLAB) promove em Lisboa, entre 14 e 15 de Outubro, o seu 1º Congresso Internacional intitulado **Ética e Política na obra de Agustina Bessa-Luís**. Esta relevante iniciativa do CLABL terá lugar na sede da Fundação Calouste Gulbenkian (FCG), concretizando-se deste modo a excelente parceria que as duas instituições vêm desenvolvendo.

Será a primeira vez que um Congresso desta envergadura, centrado na figura de Agustina Bessa-Luís, se realizará em Lisboa, por opção estratégica do CLABL, associação criada no Porto em 2012, a qual tem por objetivo ser um lugar de encontro de leitores e admiradores da obra de Agustina Bessa-Luís, visando o conhecimento e divulgação da obra da escritora, através da realização de ações de caráter cultural, artístico, científico (www.clabl.pt).

A obra poliédrica de Agustina Bessa-Luís é marcada, como é sabido, por uma ampla diversidade de concretizações ficcionais, da crónica ao teatro, da biografia ao conto, passando pela literatura para a infância ou pelo ensaio e tendo como centralidade forte o romance, o qual ora tem persistentemente interrogado, ora tem assertivamente afirmado o universo axiológico contemporâneo.

A sua pujante veia ficcional por um lado dá corpo a mundos possíveis que confrontam o leitor, quantas vezes em termos paródicos, com a instabilidade de sistemas de valores e de estratégias narrativas própria da ficção pós-moderna, desnordeando-o numa lógica plena de contradições internas. Mas por outro lado, parece perseguir ainda uma dominante de matriz modernista assente em critérios axiológicos definidos na perseguição de uma verdade e no estabelecimento de um sentido.

No momento atual em que se assiste a novas conjunções entre literatura, ética e política, o CLAB entendeu que, no seu 1º Congresso, importava abrir um campo temático que permitisse atentar nos complexos modos múltiplos como se articula no universo ficcional da autora ética e literatura. Mas também, em complementaridade, nos modos inovadores como nesse universo se declina a literatura como uma experiência



transitiva na confluência entre ética e política.

O título **Ética e Política na obra de Agustina Bessa-Luís** permitiu, pois, que o Congresso se abrisse para um temário amplo com as seguintes subsecções que a diversidade das comunicações previstas cobre amplamente: Agustina e a questão do poder; Agustina e a questão religiosa; Agustina - poder, ética e género; Agustina - ética, política e intertextualidade; Agustina - ética, política e o diálogo com outras artes.

A reflexão conjunta a desenvolver pelo presente Congresso permitirá avançar no aprofundamento do estudo da obra agustiniana, garantia trazida pelo elevado nível intelectual dos conferencistas nacionais e internacionais convidados, entre os quais se contam nomes como Anamaria Filizola, Álvaro Manuel Machado, Catherine Dumas, Hilary Owen ou Silvina Rodrigues Lopes e pela diversidade dos que responderam à chamada a comunicações a que o CLAB procedeu. As Conferências de Abertura e Encerramento serão da responsabilidade respetivamente de Eduardo Lourenço e Guilherme Oliveira Martins.

Um dos momentos altos do Congresso será a estreia às 21h30 do dia 14, no Auditório 2 da FCG, da ópera, *Três Mulheres com Máscara de Ferro*, a partir de um texto inédito de Agustina Bessa-Luís, com música original de Luís Carrapatoso, direção musical de

João Paulo Santos, encenação de João Lourenço, numa produção do Teatro Aberto.

O Congresso conta com uma Comissão Científica que reúne alguns dos maiores especialistas da obra da autora e de conceituados académicos. Aliás, dois centros de investigação, unidades I&D da FCT, também apoiaram cientificamente a organização do Congresso - o Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias (CEPUL) e o Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (ILCML).

Isabel Pires de Lima

vice-presidente da Direção do CLABL

Antecipando o Congresso, surgem dois acontecimentos editoriais com a chancela da FCG: a publicação do livro de Agustina Bessa-Luís, *Elogio do Inacabado*, com prefácio de Silvina Rodrigues Lopes, que inclui cinco títulos inéditos *Homens e Mulheres*, *As Grandes Mudanças*, *Coração de Água*, *o Caçador Nemrod*, *Os meninos Flutuantes*; e o número Julho/Setembro 2014 da revista *Colóquio Letras* que, para além de estudos de importantes especialistas, inclui um texto inédito da autora cedido pelo CLAB - *Três mulheres com máscara de ferro*, editado e apresentado por Isabel Pires de Lima.

As letras de Lídia Jorge no Escritaria em Penafiel

Isabel Fernandes

A irreverência regressa a Penafiel e a contaminação literária não deixa ninguém indiferente. Lídia Jorge é a escritora que em 2014 enche as ruas de Penafiel com a sua obra, mas também com a sua vida. Entre 1 e 5 de Outubro, o Escritaria estará um pouco por todo o lado na cidade. Conferências, arte pública, teatro de rua, exposições, lançamento de um novo livro da autoria da homenageada, inauguração de esculturas das silhuetas dos autores que por ali passaram, incluindo já a da protagonista desta 7.ª edição. Esta novidade “muito impactante” resultou de um concurso de ideias e os autores são artistas plásticos locais. O arranque será com «Roteiros - Escrita em dia», onde será feito o percurso do Escritaria entre 2008 (1.ª edição) e 2013, rubrica que terá outros momentos nos primeiros três dias do encontro.

Reforçada, mas com o mesmo figurino irreverente, esta edição cresce e serão cinco dias de convívio com a autora/tema e tendo nela o pretexto de envolvimento no festival literário que é já “uma referência no panorama cultural do país” e que é um grande contributo na afirmação de Penafiel como “concelho de referência sob o ponto de vista cultural”. Este encontro que se desenvolve em torno de “um escritor lusófono, ainda vivo, que tenha contribuído e contribua para a divulgação e promoção da cultura e língua portuguesas” tem em todas as edições algumas inovações e este ano não é excepção. Desde logo, o facto de, pela primeira vez, o mentor, criador e presidente da Câmara de Penafiel que organizou as anteriores edições, Alberto Santos, assumir outro papel na organização do certame: é o comissário cultural responsável pela programação e cujo papel tem por fim “emprestar ao Escritaria a experiência adquirida nas edições anteriores no sentido do sucesso, da qualidade e crescimento do festival”. Concretamente nesta nova função, Alberto Santos colabora no sentido de fazer a ligação entre o escritor (Lídia Jorge) e as entidades e personalidades envolvidas na estratégia do evento que “visa promover a Língua Portuguesa através dos autores”. E explicou a razão pela qual este ano serão cinco dias de festival: “Aproveitar as sinergias criadas, dar maior rentabilização do investimento, mas



SÉMIEN I RUI MARTINS AFTER JOÃO LOUREIRO

também proporcionar uma maior fruição por parte dos visitantes”.

As esculturas dos escritores

Outra das novidades que os visitantes poderão descobrir neste Escritaria em Penafiel são, então, as esculturas dos escritores que já passaram pelo certame e que agora criarão uma maior ligação ao evento. As obras de arte serão inauguradas no dia 2 de Outubro, às 17h30, na Praça da Escritaria, e farão parte da arte de rua de Penafiel. Esta inovação realçada por Alberto Santos, mas também pelo actual presidente da Autarquia, deverá “garantir uma maior perenidade da relação dos autores com a cidade e dos visitantes ao festival”, bem como “uma afirmação de Penafiel no roteiro da arte pública do país”, nas palavras de Antonino de Sousa. O autarca, que não escondeu a grande expectativa que deposita naquela que é a primeira edição que organiza, crê que “esta será uma novidade muito impactante”. Para além dos argumentos já referidos e que são partilhados por comissário e presidente, este acredita que o conjunto de esculturas fará muitos visitantes deslocarem-se a Penafiel fora do período do festival. Afinal - destaca ainda - o “Escritaria não é apenas conferências, é teatro de rua e é toda uma cidade que se agita e que se envolve” e é também um cha-

mariz de visitantes. Antonino de Sousa não possui números rigorosos de pessoas que ali se deslocam durante o festival, mas empiricamente sabe que têm vindo a aumentar as visitas ao longo do ano graças à visibilidade que o evento tem adquirido e “são já muitos milhares. A dinâmica que provém do certame é algo que se sente a prolongar-se no tempo” e as esculturas serão, então, mais um pedaço de Escritaria a permanecer disponível para lá dos dias em que Penafiel vive intensamente as Letras Portuguesas.

O presidente de Penafiel, enaltecendo o programa “de grande qualidade, desde logo, pela escritora, pelas entidades envolvidas, bem como os convidados que, cada vez mais, se querem associar ao encontro e que este ano estarão presentes”, está certo que esta edição “honrará os pergaminhos das anteriores e que continuará a consolidar as letras e os escritores da Lusofonia”. E em tempos de crise, o autarca realçou a importância que o edil dá à Cultura e explicou a razão pela qual foi reforçado o investimento: “Em tempos difíceis há sempre uma grande tentação de cortar nas artes e nas letras, pois, infelizmente, ainda se pensa que são áreas menos essenciais. Pelo contrário, nós achamos que deve continuar a merecer uma parte importante do nosso investimento, pelo que reforçámos a aposta nessas

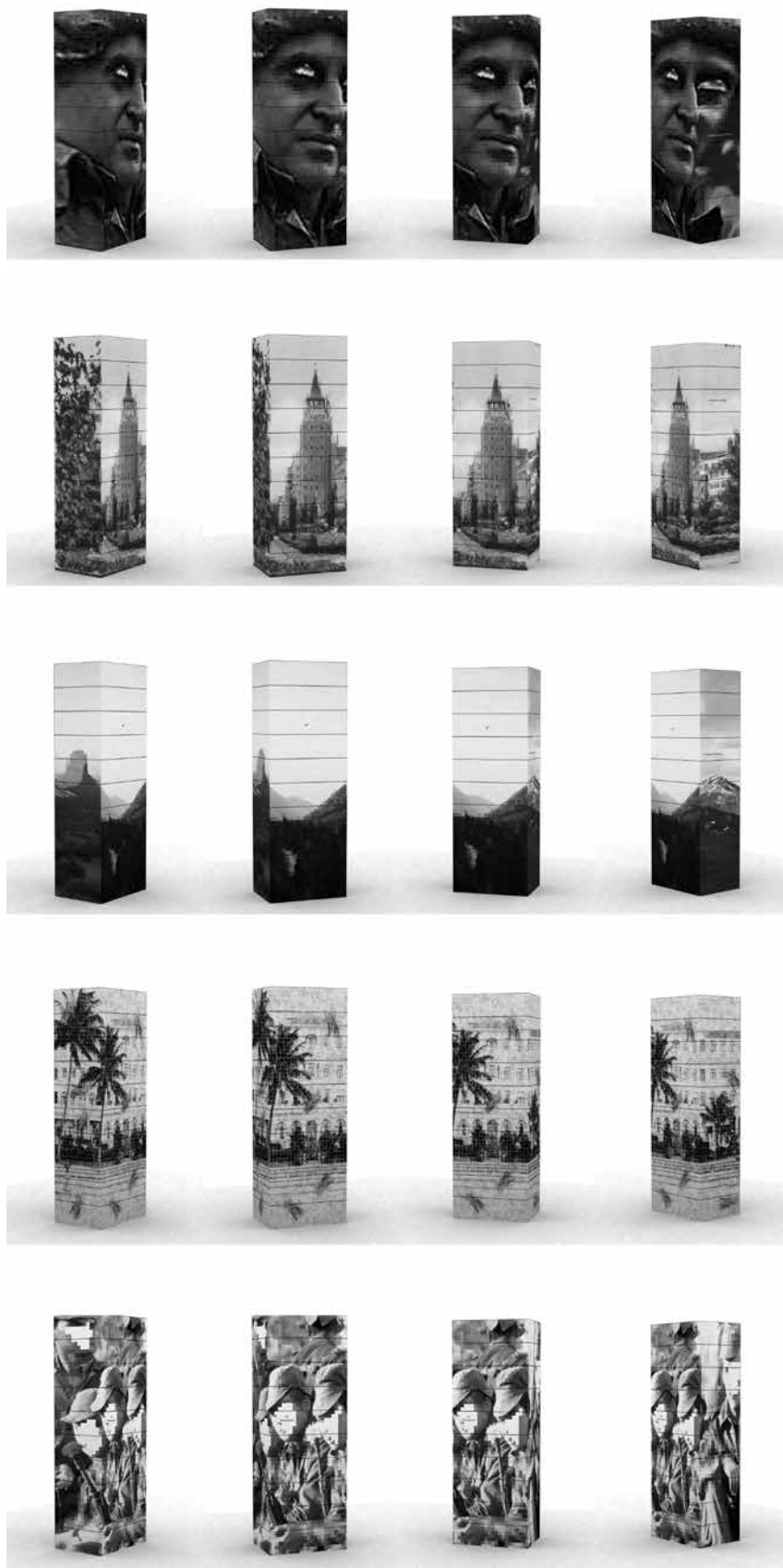
áreas”. Antonino de Sousa, que alertou para que não se pense que as questões sociais no concelho foram descuradas, recorreu mesmo a outros exemplos para realçar aquele reforço: “Inaugurámos recentemente a escultura «Serpe» do artista plástico José de Guimarães e que também integra o roteiro de arte de rua” da cidade. Lembrou igualmente o Museu Municipal que em 2010 foi considerado Museu do Ano e realçou “o importante espólio” que possui, mas também a grande aposta na Rota do Românico (do Tâmega e Vale do Sousa). E é neste conjunto de arte, património, gastronomia, entre outros atractivos, que a Escritaria surge no desenvolvimento do turismo da cidade e do concelho.

O evento homenageou os já falecidos Urbano Tavares Rodrigues e José Saramago, tendo Agustina Bessa-Luís sido a primeira mulher a ser alvo das atenções de Penafiel. Mia Couto, António Lobo Antunes e Mário de Carvalho foram os escritores que se seguiram.

Cinema, conferências...

Em 2014, as atenções estarão viradas para Lídia Jorge, que publicou o seu primeiro romance, «O Dia dos Prodigios», em 1980. Seguiram-se os romances «O Cais das Merendas» (1982) e «Notícia da Cidade Silvestre» (1984), os dois distinguidos com o Prémio Literário Cidade de Lisboa. «A Costa dos Murmúrios», lançado em 1988, reflecte a experiência colonial passada em África e confirma a autora no panorama das Letras Portuguesas. A obra foi adaptada ao cinema por Margarida Cardoso, em 2004, e terá exibição no segundo dia (2) do festival, às 21h30, no Cinemax Penafiel. Entre os prémios que a protagonista do Escritaria deste ano tem recebido ao longo da sua carreira conta-se o Prémio Correntes d'Escritas (outra grande festa à volta da Literatura e que também se desenvolve no Norte do país, na Póvoa de Varzim) com o romance «O Vento Assobiando nas Gruas» (2002). Mas Lídia Jorge não escreve apenas romance, não obstante ser o estilo literário que assume como preferido, tem obra publicada em conto e teatro.

Um dos parceiros da Câmara Municipal de Penafiel na organização do festival literário é a Sêmen - antiga Escritaria - que assume a responsabilidade do trabalho criativo (António Castanheira & Rui Martins): “Em termos de trabalho, não alterou nada. Com a consolidação do evento, não fazia sentido manter uma empresa com a mesma marca”. Também a Edições Cão Menor mantém a parceria na organização do evento, que encerra às 18h30, depois do lançamento do livro «Escritaria 2013 | Mário de Carvalho», com apresentação de Luís Ricardo Duarte, no Museu Municipal da cidade, local que



RUI MARTINS

acolhe, no dia anterior (4), às 21h30, o lançamento do livro da homenageada, «O Organista», cuja apresentação estará a cargo do padre Anselmo Borges.

Entre outras acções que integram o festival, será inaugurada a exposição «Lídia Jorge, Vida e Obra», no dia 3, na Biblioteca Municipal de Penafiel, às 18h30. Às 21h30, no Museu Municipal, Lídia Jorge e Fernando Alves

(da TSF) conversam “de improviso numa espécie de dueto” - conforme apontou Alberto Santos - explorando “experiências que Fernando Alves retirou das leituras à obra da escritora”. O diálogo insere-se na nova rubrica Escrita em dia, sob o tema geral «Os Sinais Memoráveis» e que o comissário cultural considera “um momento alto da programação”.



Armando Ponce de Leão
escritor

Mesmo antes de petrificar

A pedra afunda-se no mar. Repouso, deitado no mar a boiar de barriga para o ar. Esclareço desde já que não há nada melhor no mundo, felicidade irremovível.

Foi-se o espírito, há só carne: Sumiu-se a inevitabilidade da auto estrada que diz morte, cada vez mais larga neste meu já tão longo entardecer. Eu juro que ouvi o menino, na praia, dizer do fundo do coração: mãe, eu quero ter férias para sempre; desapareceu. Desapareceu até a casa, a casa, a casa.

Sou só carne, assim todo inteiro, completamente.

O boiar deve ser feito em imobilidade total, quando muito, se estrictamente necessário, um agitar das mãos e dos pés tão suave que não é. Em primeiro plano, logo sobre a imagem difusa e tremeluzente dos meus joelhos, submersos em um nada de água que lhes dá a bruxuleante aparência, há as cristas glaucas da ondulação que reflectem o sol, manchas alongadas quase paralelas à praia, em camadas sucessivas, amarelas, de ouro, ondulantes e brilhantes, num fazer e desfazer tranquilamente constante, vivas como as árvores com o vento. Do outro lado delas, por vezes vê-se por vezes adivinha-se, há um esverdear e um azul do céu, brilhante e ondulado também, mas sem amarelos, sem ouro.

E a carícia dolente da água é acentuada, quando, por razões ignotas, uma fatia de água mais fria passa por baixo de mim, vem, roça-me, desfaz-se. Vem do lado da cabeça, faz-me as costas, todo o dorso, estira-me as pernas, foge pelos pés. Entre eles o mar chega à praia, alternam o reflexo azul do azul do céu em dois dedos de mar e o amarelo doce e rutilante da areia; depois areia só, corpos de gente. E eu repouso, despojado, deitado no mar a boiar de barriga para o ar. Esclareço, de novo, que não há nada melhor no mundo, felicidade irremovível, dissolução na natureza, eternidade. E agora, mesmo agora, veio uma fatia de água mais quente, soergueu-me de lado, foi um ligeiro ondular. Entrou pelo braço direito, percorreu-o todo, pegou-me no corpo todo de uma vez só, e saiu pelo meu braço esquerdo, pela mão esquerda, pelos dedos. Todo eu fiquei no morrer do afago do ondular. Carícias.

Depois, entre os pés, ali ao longe, as barracas com gente, mas aqui, pela distância, e sobretudo por eu estar com o mar, gente não há. E depois o bar da praia: no primeiro piso as mesas para o café e gelados, no piso superior corti-



nas azuis e brancas às riscas verticais, como adjectivo: humanas; por trás estarão as mesas do restaurante.

E todo o meu corpo faz agora ser, ao destruir um pouco, por um pouco de tempo, o boiar: cabeça a inclinar-se ligeiramente mais para trás, olhos fechados, bem cheios do vermelho do laranja e do amarelo, sol, abri-los por um momento para o ver de raspão, relâmpago, braços mergulham, dobram um quase nada pelos cotovelos, retomam o estar simplesmente, as pernas fazem o mesmo, todos os músculos, na água morna e quente e fria e forte e salgada, gratos de mansidão e apoio. Eternidade.

E entre os pés, sobre o telhado do bar da praia, os pinheiros mansos são como os pinheiros mansos, e recortam-se contra o azul do céu; e as nuvens, coladas ao azul celeste, sim, são de algodão em rama.

Só por um momento, ergo um pouco as pernas, dobro-as pelos joelhos, levanto um pouco os braços, para me afundar um quase nada; e afundo-me porque o buraco que o meu corpo faz no mar se faz mais pequeno, e o mar não sabe se nesse buraco estou eu ou se está água, levanta-me como se o buraco estivesse cheio de água, naturalmente, e assim, porque bura-

co mais pequeno, ergue-me menos. Só por um momento, levanto-me do mar, com um lento e tranquilo ondular das pernas, levanto um pouco mais a cabeça, e olho.

E olhei então, e vi-o, o velho, há cinquenta anos.

Da praia, pelo mar dentro, vem um cabo grosso, suportado aqui e ali por boias, até lá longe, em que uma âncora o fixa à areia do fundo. Serve de cabo de amarração aos barcos, porque então não havia, como há agora, um cais flutuante de madeira. O velho já não toma banho no mar, mas se este está absolutamente feito lago, tão lago que da areia do fundo do mar vem outro sol, atreve-se, ampara-se ao cabo, avança uns metros até ter água pela cintura, agarra-se com as duas mãos ao cabo de amarração, fortemente só, mais mergulhado no passado, a fazer-se agora e mais para além, do que no mar, levanta os olhos para o infinito dele, dele velho, e fica. Quando me soergui do mar, por aquele breve momento, vi-o.

Com um ondear ligeiro faria o meu corpo voltar ao repouso, despojado, sublimado, deificado, deitado no mar a boiar de barriga para o ar, completamente, felicidade irremovível, não há nada melhor no mundo, eternidade.

Já era velho, disse-se.



Ramiro Teixeira
crítico literário

Romance onírico ou a primazia dos sonhos sobre o real quotidiano?

De há muito que formulo sérias dúvidas sobre a intenção de, através da natureza literária de um texto, distinguir o que nele cabe de exercício poético-ficcional sobre a realidade, de acordo com o paradigma, e o que nele se constrói, às vezes, sob a forma de *divertimento*, de *paródia*, sem outras intenções que não as de evidenciar o ridículo através duma deformação criativa. E mais ainda quando esse exercício é de natureza autorreflexiva. Ou seja, quando não parodia um texto considerado modelar, recriação sobre uma outra criação com o objectivo de produzir um efeito cómico através de obra de terceiros, mas a própria personagem através das vicissitudes que narra ou que conceptualmente vive ou julga viver.

Tal é o caso de *"Tudo é e não é"*, desde logo porque Manuel Alegre, neste título, não só subverte o sentido do mesmo, como se *diverte* a subverter a própria personagem fabuladora através do fenómeno não da intertextualidade mas da duplicidade do ser! Mais precisamente através da relação eu e o outro, o consciente e o inconsciente, enfim, o real e o sonho. Aliás, não faltam teóricos da literatura que defendem a ideia de que as personagens romanescas não existem, na medida em que não passam de ficções. É ver, por exemplo, *"O Ano da morte de Ricardo Reis"*, de José Saramago.

A verdade, porém, é que o romance e a novela contemporâneos têm conseguido libertar-se das regras que, mal e bem, lhe atribuem. E assim, tal como pela psicanálise se procura chegar aos impulsos inconscientes através das aparentes incoerências de uma memória onírica, assim também a construção literária pode desenvolver um processo análogo, atribuindo às personagens, imagens e aos conflitos dramáticos relatados, o valor de metamorfoses sofisticadas provenientes de sentidos profundos e obliterados, comuns e incomuns à generalidade da vida humana.

O caso é este: a obra literária tanto pode delinear o percurso que o homem imprime à vida, como o drama da sua existência íntima sob o peso de fantasmagorias inomináveis, quanto o percurso em descoberta da sua verdadeira identidade, tal como o da sociedade em geral, ou tão-somente fluir sem consequências ou objectivos.

Por outro lado, a literatura, entre o paradigma e a sua particular realização, não deixa de ser uma forma de *produção*, pois que recorre a diversas *matérias-primas*, das quais as mais importantes são a *linguagem* no relato dos acontecimentos e o *sentido* de que ambas as coisas se revestem, enfim, o modo de perceber o mundo e a capacidade de, pela consciência do ser e da escrita, o denunciar, o transformar. Mas também nela cabe o *divertimento* do homem culto através da escrita e mais ainda o da necessidade de produzir obra literária em resultado de pressões internas, sejam as de marcar presença ou afirmação no plano literário, e externas, em resultado de compromissos editoriais.

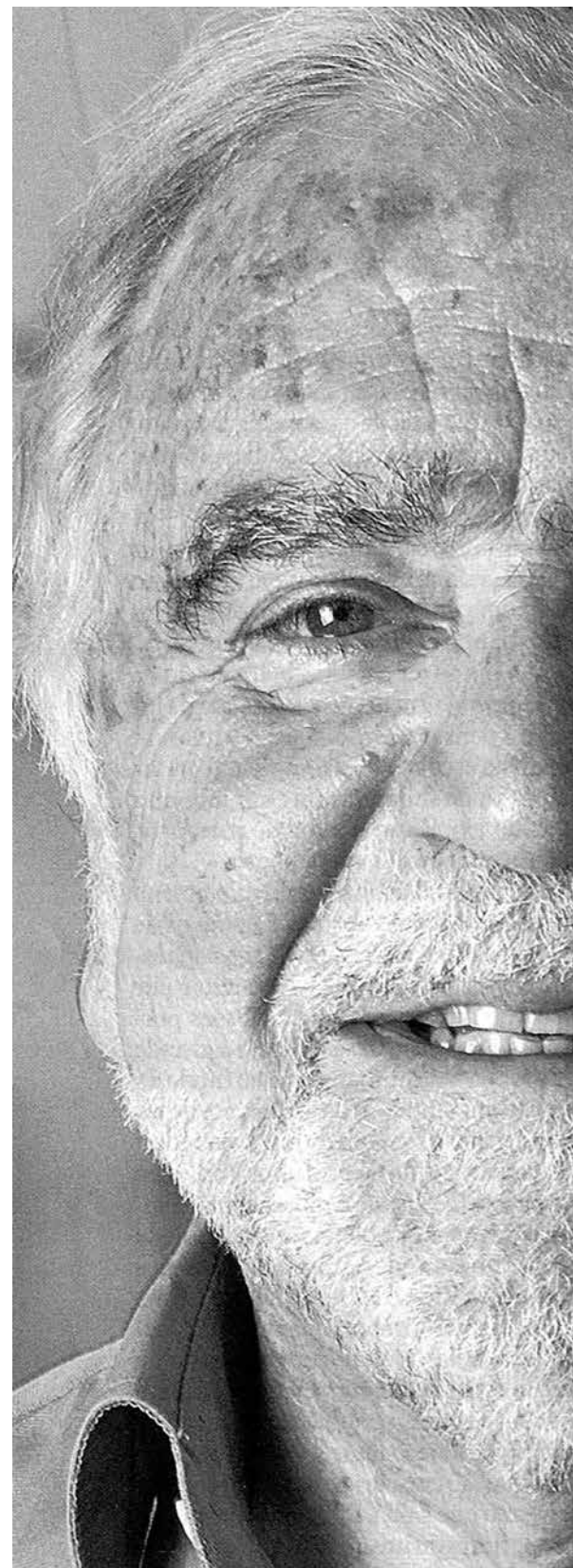
Dito isto, equaciono: até que ponto este novo título de Manuel Alegre reflecte uma vera construção literária, à falta de melhor designação, autónoma, jogando com o absurdo e *non sense*, ou um *divertimento* consignado a uma expressão de maneirismo psicológico motivado pela necessidade de marcar presença ou de cumprir tão-somente um plano editorial com o mínimo de dignidade literária?

Seja qual for a resposta a este quesito, um outro se formula: romance onírico ou a primazia dos sonhos sobre o real quotidiano?

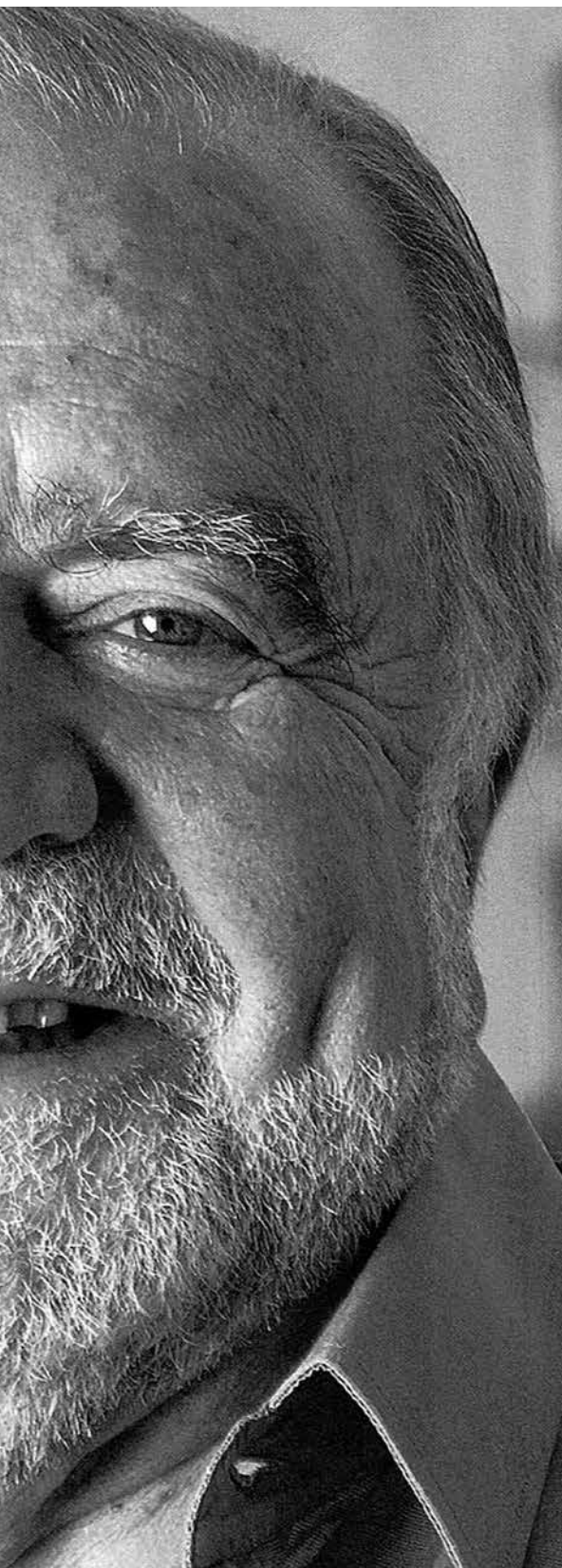
A meu ver, nem uma coisa nem outra, dado que a personagem, António Valadares, escritor, metido *num sonho feito de muitos sonhos e sempre o mesmo*, nunca deixa de se situar no real, não só porque tenta analisá-los, em certa medida até combatê-los, mas também porque, de forma recorrente, em atitude passiva e activa, comenta o mundo que o cerca - as suas imperfeições, utopias (*Há muita gente de blusão de cabedal e boné russo. Parece o Instituto Smolny, só falta aparecer Lenine*), avisos metafóricos (*O senhor tem de fazer a mala, olhe que o autocarro vai partir*), que é como quem diz, deixa de te armar em intérprete/símbolo duma consciência política anacrónica e chama um táxi que te leve para o sítio certo.

E qual o endereço para o motorista? Partir, seguir para onde? Para nenhures? Para *outro sonho dentro do mesmo sonho*?

Claro que o intérprete recorre à ajuda do amigo psiquiatra, que lhe dá a receita, também desafio, atendendo a que o paciente se



sonhos



encontra de tal modo confuso que nem quer acordar nem quer dormir, incentivando-o a escrever a narrativa dos seus sonhos obsessivos e recorrentes. O que não é fácil. Diz ele: *Basta-me ver um filme de guerra e aí estou eu, algures numa guerra que nem sempre sei qual é, cercado por todos os lados. Então, ao contrário da minha espingarda na jornada de caça, as armas funcionam. Contra quem, ao certo, não se sabe.*

Decerto que o inimigo está presente, dentro de cada um de nós, tal como as cidades-exílio. E muitas são as solicitações e as emboscadas, já assim o dizia Mário Dionísio, acrescento eu.

Solução: o repouso do guerreiro? *(Acho que só há uma maneira de resolver isto, é tu vires dormir comigo.)* Assim profere Mercedes para acabar com a saga dos sonhos repartidos entre si e o Valadares, já que ambos são afectados por igual obsessão. Mas, então, Mercedes é sonho ou é realidade?

E os mortos/vivos, conhecidos e desconhecidos? Assim Filipe, a passar por Che Guevara, entre outros sem rosto, alguns de camuflado, o que leva o escritor a proferir a propósito da luta de guerrilha:

Estou cada vez mais convencido de que os mercados atacam. Não só no dia-a-dia, não só no país, na Europa e no mundo, mas no próprio sonho de um pobre escritor de um país periférico.

Quem são, ninguém sabe! E por isso todos somos perseguidos, atacados, cercados sem saber por quem, inimigos desconhecidos, mão invisível. E se alguém pergunta como não morro, eu lhe responderei: que porque sonho.

O que nos conduz até Gedeão, pela afirmativa de que é o sonho que comanda a vida.

Incoerente, diz Valadares:

Não há lógica no sonho. E na vida que lógica há? Como a vida, também o sonho tem os seus caprichos, intrigas, contradições. (...) Perguntam-me qual é o fio condutor da narrativa. Não há. Nem na vida, quanto mais no sonho.

Diz Filipe/Che Guevara: Porque ainda acreditas em tretas, porque ainda julgas que estou morto, e mortos, ou pelo menos fora do jogo, estamos todos, os que pensávamos que palavras e guerrilhas podiam mudar o mundo. Fora do jogo, fora do mercado. Palavras e guerrilhas não têm cotação na bolsa, estamos fora do grande mercado do mundo.

Aqui chegados entre de novo o amigo psiquiatra, o qual através duma missiva dá a conhecer as suas impressões sobre a narrativa em curso:

Como médico, confesso que é difícil pronunciar-me. Talvez a intenção seja boa, a libertação de obsessões por meio da escrita. Mas como sabes, com boas intenções não se faz literatura, menos ainda psicanálise.

Ao que o escritor retruque, inconformado co-

mo sempre: *É possível narrar o impossível.*

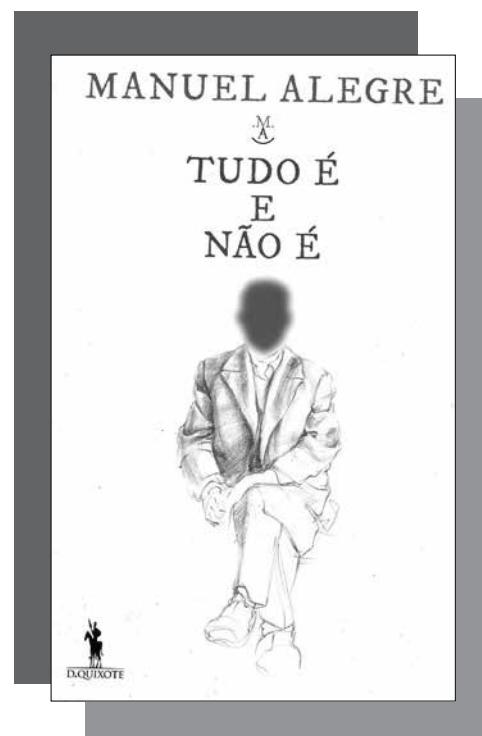
Perdido e achado no sonho, o escritor onírico deambula entre figuras históricas, políticas, literárias e artísticas, com a consciência de que *há qualquer coisa que não bate certo. Já não sei se escrevo ou se sou escrito*, diz.

Entretanto, desde o início, a grande questão, ainda que mal alinhavada ao redor destas e doutras fantasias circunstanciais, é esta:

Nos anos 60 a sociedade de bem-estar estava no auge, a palavra revolução não tinha nenhuma correspondência com a realidade, mas o mundo estava cheio de revolucionários. Agora estamos na maior crise do capitalismo e nem se ouve falar de revolução nem se veem revolucionários.

(Conclusão:) O teu livro está como o país e o mundo, ninguém sabe para onde vai, ninguém sabe o sentido.

Seja por divertimento ou por compromisso e apesar da vacuidade de não poucas locuções que, em rigor, se confundem às vezes com conversas de “treta”, a verdade é que este novo título de Manuel Alegre acaba por se revelar obra consistente, enquanto metáfora dos dias que estamos a viver. E com a singularidade de se revelar, igualmente, como uma espécie de balanço existencial do próprio escritor, senão mesmo dos portugueses em geral, enquanto militante intelectual e político, paredes meia com o mundo actual que se lhe depara, arrastando-o para o pesadelo de ter de o viver contra todas as suas convicções.



NOTA

(Tudo é e não é, Manuel Alegre. Lisboa, Publicações D. Quixote, 2013)

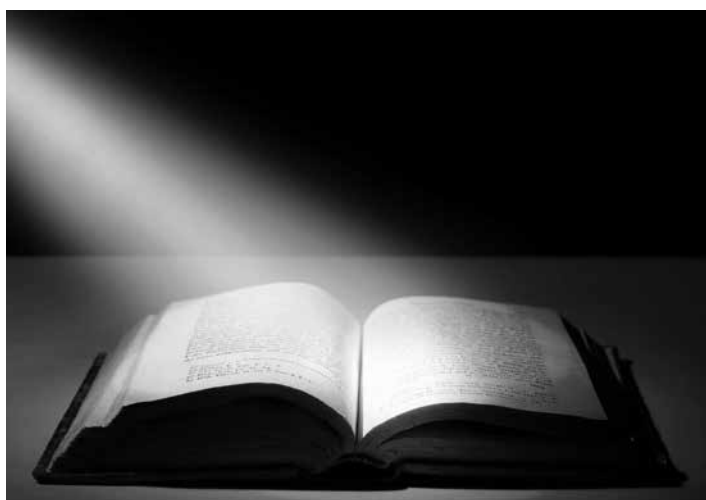


Isabel Ponce de Leão
professora universitária UFP

Poema em prosa

O tempo é renda¹ de Isabel Mendes Ferreira é uma obra de cariz essencialmente lírico, pautando-se por uma apenas aparente escassez de narratividade e instaurando uma presença enunciativa que encontra na prosa a forma mais adequada de efusão lírica. Comecei por lê-la, ainda que apenas parcialmente, no *facebook*, onde a autora ia partilhando o seu constante pensar, a sua oficina de escrita. Depois, do mundo virtual passou ao material numa magnífica edição da *Labirinto de Letras* que soube interpretar sentires reflectindo-os, em jeito de pórico, na própria capa. Nela, uma fotografia de uma máscara em fundo preto da autoria de João Maria Viotti. Uma máscara de renda - ocultação do tempo.

Prossigo sob o signo da máscara. Por detrás finitude, desvastamento, morte mas também amor tudo acautelado num saber antigo guardião de memórias. São 342 poemas em prosa de dimensão variável - a dimensão do sentir poético, do momento oportuno, da libertação da corrente da consciência. Passam as imagens em ritmo vertiginoso; *Laranja Mecânica* de Kubrick. A narrativa demanda o lirismo. *Stream of consciousness* - introspecção, monólogo interior, fluxo da consciência resultante da coincidência, no aqui e agora, dos vários níveis do eu: impressões, pensamentos, reminiscências, associações. Isabel Mendes Ferreira demanda a palavra, a metáfora, a imagem capazes de traduzirem as turbulências da mente. Fluo essas sensações na instabilidade textual insinuada nos interstícios. As pausas sugerem a palavra por inventar, a demanda de um tempo assimilativo, a tentativa de superação dos limites. Assim se subjuga a escassa dimensão da materialidade lexical. A Poeta sabe-o porque "é da casa dos afectos que ela chega. a palavra. em cantilena de soluços como renda antiga". Palavra que faz a poesia que "tem de ser preciosa". Depois a reflexão, a finitude humana convocam um aparente desalento: "e eu não tenho nem ouro nem a semântica afectiva das estrelas. honro por isso o divino verbar de quem verba. entendivelmente. segura de não ser árvore. antes breve ramo." Aparente, digo. Cogitações metapoéticas dizem da elevação do acto criador: "_____ se toda a poética fosse um lápis em flor seria rubro o gume quotidiano e fosforescente o rosto da palavra mais justa para o sonho". A Poeta ergue-se altiva e divina e, em jeito quase romântico, proclama a diferença: "e dizem que os poetas comem fósforos [...]. e dizem que os poetas cospem coral expan-



dido em verbos fragmentados [...]. dizem que se atiraram ao degredo [...]. dizem que são antagónicos à lucidez [...]. e dizem que morrem por um improvisto ardente. único sudário. apenas. dulcificada a sílaba que se ergue para convergir e purificar o veludo e a espuma incrédula dos dias de um poeta. _____ cântico a preto a branco como um banho de pássaros mortos."

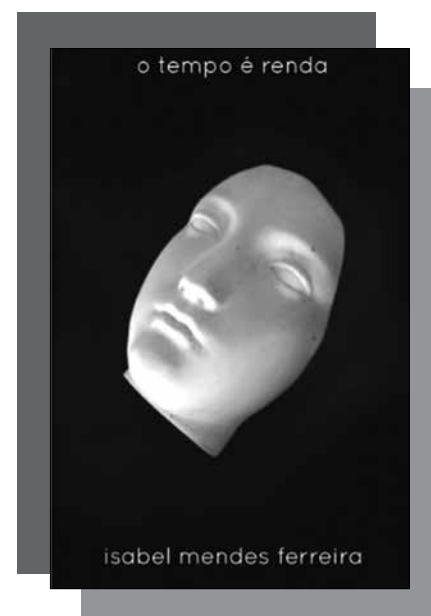
Assim se define em reflexões densas vertidas numa escrita interrogativa, dialógica, por vezes epistolar, privilegiadora da retórica do eu. A consciência agita-se e o poema surge enquanto representação literária. Depois liquefaz-se, escorre, penetra e esvai-se deixando as rendas ao tempo numa irreverência oscilante. Aqui e além reclama um aparente monólogo interior, de imediato quartado pela urgência comunicativa. A escrita aproxima-se da corrente da consciência. Pontuação sibilina, inusuais sinais gráficos, jogos de palavras e sons, jactância de imagens e metáforas dizem sim à psicologia freudiana e à modernidade poética. Aqui estão as incoerências, as subjectividades e as a-temporalidades da consciência humana O absurdo presentifica-se ensaiando o domínio da racionalidade. Stern e Joyce, Eliot e Proust, Mallarmé e Hoderling, ... e... mas, sobretudo, Rimbaud.

Dérèglement de tous les sens sem qualquer maldição, antes com sensatez, na demanda da materialização do espírito: "os ossos são aranhas moldadas pelo gesto que também é limbo. e este o mais lento mistério que une e rasga qualquer semelhança com a realidade". *Dérèglement* de amor e morte: "não me morras. nunca. não me deixes. nunca." (297 ler todo). "sim. foi por um beijo em simples vendaval que morri". *Dérèglement* da vida: "está tudo bem. está tudo mal. na planura deste reino. no estriduloso rastejar da mancha fervente que é ar-téria invocativa de uma sonata dissonante."

A opção formal pelo poema em prosa servido por um vocabulário rico na construção da frase curta e densa viabiliza a ampliação discursiva conciliável com o desabafo. Micro-histórias reveladoras de um trajecto poético e ocultadoras da condição da Poeta - enunciação ou projecção autobiográfica? Tanto me faz quando sinto a despreocupação pelo estabelecimento de uma relação entre palavras e coisas face a uma enorme inquietação auscultadora da verdade profunda que, pelo sonho, será descoberta - desejo de sabedoria como alertou Cecília Barreira em texto introdutório. Originalidade, persistência, técnica meticulosa na ar-

rumação dos afectos, acrescento.

Digo que "o tempo é uma honra que se desfaz"; digo desta "guerreira de um cântico sem tréguas. mendiga de luz"; digo que "assim me foste sorriso. e assim ainda me és _____ o milagre". O milagre de *o tempo é renda*. O milagre do rosto e da máscara. O milagre da criação.



NOTA

1 Lisboa: Labirinto de Letras, 2014.

NOTA

«O tempo é renda» Isabel Ponce de Leão, professora universitária na Universidade Fernando Pessoa, apresenta o livro «O tempo é renda», de Isabel Mendes Ferreira, no dia 9 de Outubro na Quinta da Bonjónia, no Porto, na segunda sessão dos Serões da Bonjónia de Outubro (à hora de fecho desta edição ainda não era conhecida a sessão do dia 2). Recorde-se que os Serões de Bonjónia têm início às 21h15.



Levi Guerra
médico

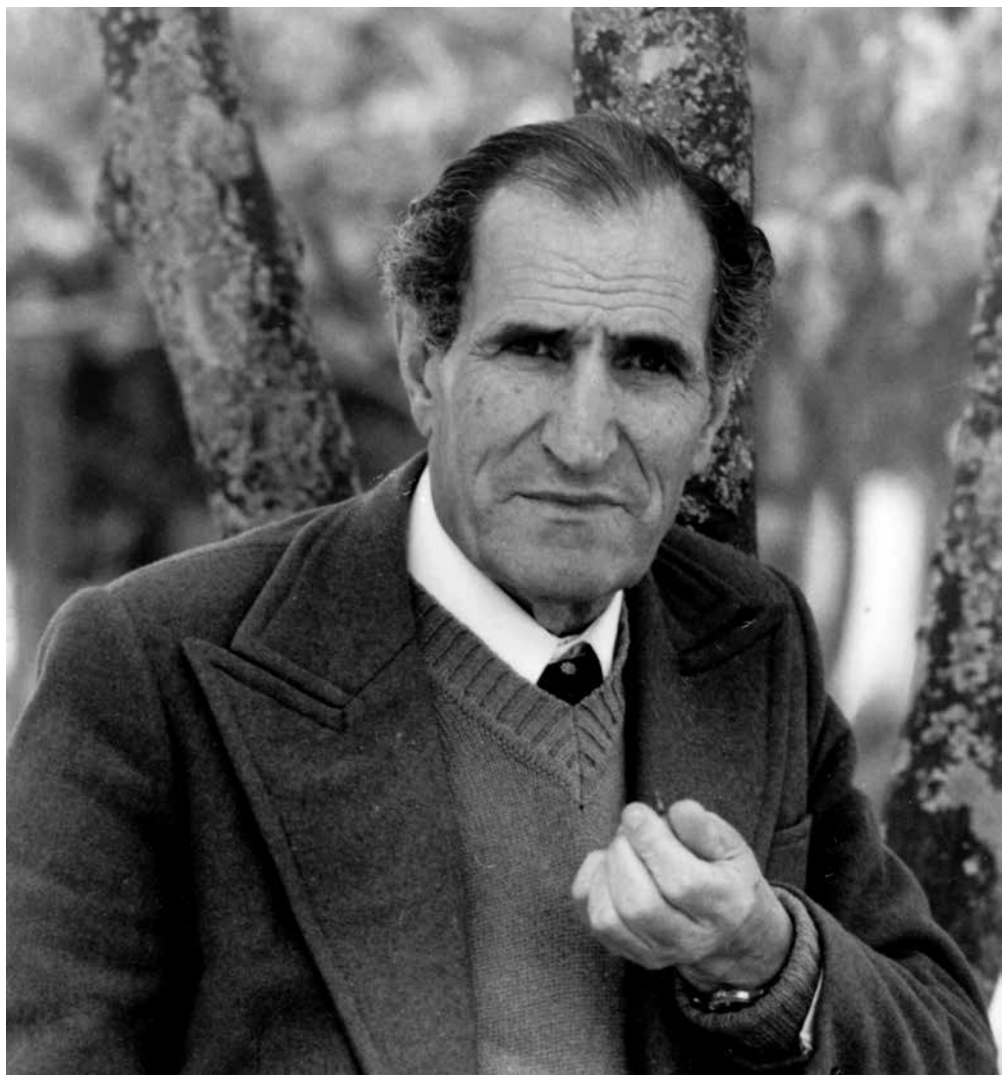
Miguel Torga: a eloquência dos últimos tempos - I

Mergulhando nos três últimos Diários de Miguel Torga, do XIV ao XVI, vive-se uma exaltante experiência humana. É uma tarefa a que despretenciosamente me dou e que faço com muita humildade e no culto de grande reverência, como quem lê um texto sagrado. Nesta ousada tarefa, encosto-me à minha idade e ponho-me a ouvir o Colega insigne, que não conheci, para ouvir o Poeta, o profeta, o penetrante intérprete do homem e da vida, sobretudo nestes seus escritos em época da proximidade crescente do seu fim.

O volume XIV do Diário recolhe os seus registos de Maio de 1982 a Novembro de 1986 e é deslumbrante de criatividade interpretativa, perpassada dum humanismo luminoso, duma grandeza suprema de conceitos, duma poesia dispersa em quase meia centena de poemas que constituem um verdadeiro hino espiritual à essência do humano viver.

Em 1982, quando compõe o poema *Meta*, com que abre o Volume XIV, a 12 de Maio, Miguel Torga ia fazer 75 anos, em 12 de Agosto seguinte, revela, aqui e além, a consciência da proximidade do seu fim, mantendo um élan de estoicismo que é exalação do seu profundo entendimento da transitoriedade da vida, também da vida humana.

Neste volume XIV, logo no primeiro apontamento que faz, em Coimbra, em 22 de Maio, diz: *Manter este registo dos dias até ao último dia. Não pela vã pretensão de deixar completo um testemunho do meu tempo, mas para, no próprio acto clarificador da escrita, aclarar no espírito, ao lado de outras menos significativas, horas que serão cruciais na minha vida. A obsessão do fim a sabê-las cada vez mais contingentes e essa precaridade a torná-las cada vez mais agónicas...Ligo muita importância a estas afirmações porque revelam que o tempo já adiantado de reformado que atingiu não o desligou dessa criatividade heroica e solidária que desde há muito vinha praticando. Ele vai-se referir à dor do encerramento do seu consultório que manteve até muito tarde, como hei-de assinalar. Mas a sua pena é que nunca deixou de estar ao serviço da atividade pujante do seu cérebro, fator porventura decisivo para a sua longevidade, mas também revelação duma personalidade possuída de um alto sentido da cidadania e do dever de se manter útil aos outros*



enquanto capaz, passando à letra a sabedoria acumulada durante uma longa e exaltante vida que vem a definir no último registo do último volume do Diário, o volume XVI, em Coimbra, a 9 de Dezembro de 1993, a pouco mais de dois anos da sua morte a 17 de Janeiro de 1995, assim: E chega ao fim, com este volume, um livro que comecei a escrever um pouco estouvadamente há sessenta anos, e acaba agora com mais assento...Mais do que páginas de meditação, são gritos de alma irreprimíveis dum mortal que torceu mas não quebrou, que, sem poder, pôde até à exaustão. E se despede dos seus semelhantes sem azedume e sem ressentimentos, na paz de ter procurado vê-los e compreendê-los na exacta medida. E que confia no juízo da posteridade, que certamente lhe vai revelar os muitos defei-

*tos e ter em conta as poucas mas sofridas virtudes. De alguma coisa me não-de valer as cicatrizes de defensor incansável do amor, da verdade e da liberdade, a tríade bendita que justifica a passagem de qualquer homem por este mundo. E vou inventar um refrão com que hei-de terminar todos os artigos que a vida e o tempo me permitam escrever sobre este vulto soberano da Medicina e da Cultura, refrão que é um grito de alerta que dirijo a todos vós que me lerdes, e que, como eu, estais jubilados e reformados, e podeis ter a graça, a dádiva, a sorte de estardes válidos e lúcidos, e conscientes também da proximidade do fim, e a quem o termo velhice soa negativamente, assim: **Tu não és velho! Carregas, sim, mais anos! E depois? Cumpre a vida até ao fim!***



Manuela Aguiar
pres. da Assembleia da AEMM

Um Olhar (subjectivo) Sobre Feminismo e Diáspora Longe e perto de 1910

1 - O movimento feminista e republicano do começo de novecentos não teve um grande impacto nas comunidades do estrangeiro, nem mesmo globalmente nas colónias portuguesas - embora em algumas cidades, como é o caso de Luanda ou de São Paulo, haja registo de actividades da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas ou da Associação de Propaganda Feminista (a Liga com estreitas relações partidárias, a APF aberta a todos os credos e autenticamente sufragista, criada quando se tornou evidente o incumprimento pelo Partido Republicano das promessas de voto para as mulheres, em 1911. As conhecidas ligações da APF ao Brasil devem-se à presença nesse país, entre 1911 e 1914, de Ana de Castro Osório, a grande impulsionadora e ideóloga da Associação, que, todavia, logo depois da sua constituição, rumou a São Paulo, onde deixaria o seu nome na memória e na toponímia da cidade.

Mas a regra foi, naturalmente, a oposta... As singularidades daquele movimento, a sua matriz republicana, maçónica, revolucionária, anti-clerical, tornavam-no irrepitível na emigração. Não se poderia esperar uma aproximação entre mulheres separadas não só pela distância, como pelas condições de luta cívica e política, numa época em que não existia tradição de diálogo com as instituições das comunidades - aliás, círculos masculinos tanto ou mais fechados do que a sociedade local.

À absoluta exclusão do movimento associativo, responderam as mulheres com organizações próprias. A primeira terá sido uma sociedade fraternal na Califórnia, em fins do século XIX - a Sociedade Portuguesa Rainha Santa Isabel, nascida no interior de uma igreja católica, logo seguida da União Portuguesa Protectora do Estado da Califórnia. Ambas cresceram espantosamente, desenvolvendo, a par da sua vocação mutualista, um papel cimeiro na comunidade portuguesa, sobretudo na área cultural e beneficente. Há registo de mútuas femininas oitocentistas em Portugal, mas sem atingirem a mesma grandiosa dimensão e longevidade...

No domínio social se centram outras grandes organizações da segunda metade do século, como a Sociedade Beneficente das Damas Portuguesas de Caracas, a Liga da Mulher da África do Sul ou, já no alvorecer do século XXI, a Associação Mulher Migrante Portuguesa da Argentina.

2 - À primeira vista, são mais evidentes as diferenças do que as sintonias entre estas organizações que queremos comparar. Falta no nosso associativismo da Diáspora uma forte reivindicação pública da igualdade no dirigismo - o equivalente ao sufragismo de então... De facto, a sua expressão nos "fora" do "congressismo" vem sendo suscitada mais do exterior do que de dentro das comunidades: o 1.º Encontro Mundial de Mulheres no Associativismo e no Jornalismo, foi convocado pelo Governo, em 1985. Já neste século, os "Encontros para a Cidadania" (2005-2009) e os congressos mundiais de 2011 e 2013 foram iniciativas de ONG's, como a Mulher Migrante, com sede no País, em parceria com a Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas.

As conferências periódicas sobre "A vez e a voz da Mulher", cuja principal dinamizadora é Manuela Marujo, professora da Universidade de Toronto, são uma das excepções que confirmam a regra. Todavia, há também convergências no associativismo das mulheres portuguesas em diferentes épocas e regiões do mundo. Movem-se por um feminismo muito feminino ("feminismo" no preciso sentido em que Ana de Castro Osório falava de "verdadeiro feminismo" - um humanismo partilhado com o outro sexo, em companheirismo e cumplicidade). Um activismo que nasceu, frequentemente, dantes como nos novos tempos, dentro da família, numa cooperação entre cônjuges, mães e gerações - realidade que se adivinha nos apelidos comuns de republicanos de ambos os

sexos e que é bem visível no associativismo da emigração - são as mulheres de dirigentes que, nos bastidores, com eles colaboram, discretamente. E, quando elas decidem militar nas suas próprias organizações, são eles, em muitos casos, os seus primeiros apoiantes.

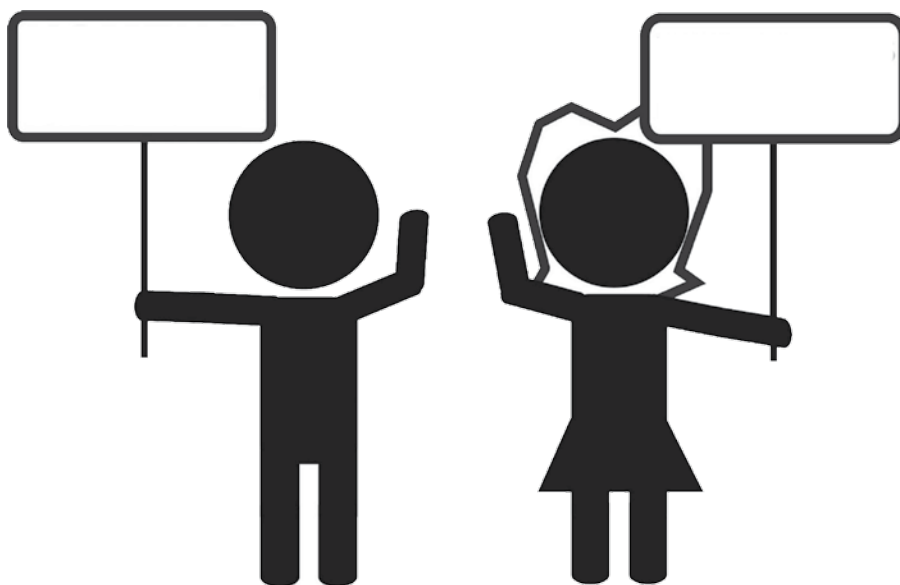
Mulheres desenquadradas do grupo familiar activo, também existem, evidentemente, mas são, sobretudo professoras primárias, jornalistas, escritoras... - tanto na República portuguesa de 1910, como nessas

"pequenas repúblicas de homens", que são os clubes e centros comunitários no estrangeiro.

Proporcionar o ensino da língua, a vivência cultural portuguesa aos mais jovens, são as prioridades que mais atraem as mulheres à liderança associativa, ainda hoje - a relembrar a luta pela educação e instrução feminina, o máximo denominador comum, dentro do movimento feminista e republicano, que a reivindicação do sufrágio dividiria irremediavelmente.

De um século ao outro, e mesma mundivisão, a mesma crença de que a mulher se emancipa pelo trabalho, ao lado do homem, e que quer direitos de cidadania para melhor servir a comunidade e o País.

Sobra essa busca da paridade em harmonia, onde falta o afrontamento de sexos. Até a APF, a mais sufragista de todas, se envolveu enormemente na vertente humanitária e beneficente do associativismo. Foi assim. É assim... Se mais resultados teria obtido uma postura mais radical é coisa que não sabemos nunca...





Vieira Duque

conservador do Museu da Fundação
Dionísio Pinheiro e Alice Cardoso Pinheiro



A Vida pela Cultura

É impossível ignorar que entre a produção artística de uma determinada época e a situação social, cultural, religiosa, económica e política estão sempre presentes relações de íntima cumplicidade levando, no estudo da história de arte, a uma obrigatória abordagem e conhecimento do meio social em que surgem, na respectiva contemporaneidade. Então, a arte e o seu reflexo presente e futuro são um produto do diálogo entre ela e o ente social e o respectivo poder, sem determinismos últimos ou um condicionalismo fatal que lhe extrairiam qualquer autonomia imaginativa.

No Museu, o objecto não perde as funções anteriores, antes ganha a capacidade de representar, contando uma história. O objecto museológico pode ser transformado pela acção da humanidade e da natureza, que lhe conferirá novos atributos estéticos e de funcionalidade. São estas metamorfoses que se operam neste Museu.

Dionísio Pinheiro nasceu em Águeda, a 24/09/1891 e faleceu em 07/10/1968, no Porto. De origem bastante humilde, desde muito jovem começou a trabalhar. Após ter completado a 3ª classe na Escola do Adro, em Águeda, foi trabalhar com o seu padrinho de baptismo, num comércio de tecidos, tendo depois ido para o Porto aos 11 anos de idade, para trabalhar

como marçano nos Armazéns Cunha. Revelando óptimas capacidades intelectuais e laborais, foi convidado para sócio dos mesmos. Frequentou o Curso nocturno da Escola Comercial Raul Dória e posteriormente fundou a Fábrica

de Tecidos de Rebordões, em Santo Tirso. Teve uma intensa actividade comercial e industrial que, aliada a uma enorme sensibilidade, o conduziram a um grande enriquecimento material e cultural. Os frutos da sua vida permitiram-lhe desenvolver acções caritativas na sua terra natal e constituir um valioso património artístico. Alice Cardoso Pinheiro, sua esposa, nasceu a 28/05/1900, nas Caldas da Rainha, e faleceu no dia 27/12/1974, no Porto.

Dionísio e Alice casaram no Porto, em 1920. Nutrindo de uma sensibilidade muito própria, Alice ajudou o marido na escolha e aquisição do espólio artístico que poderemos apreciar e estudar neste Museu. Objectos que percorriam o seu quotidiano na casa de habitação da Avenida dos Combatentes, Porto, ou em Águeda, na sua casa da Rua do Adro. Nos anos seguintes, Dionísio foi aumentando a sua acção empresarial, em V. N. Famalicão e no Porto; e sócio da Antiquália, Lisboa, comércio de antiguidades.

Sem filhos, instituíram por testamento a Fundação, a 21/08/1968; a 05/05/1969, foram aprovados os Estatutos por despacho ministerial e logo publicados em Diário da República, a 21/08/1969. A sua "Utilidade Pública" foi reconhecida pelo Governo Civil de Aveiro, a 04/07/1969. As suas disposições testamentárias são de que a sua sede seria em Águeda, para albergar e divulgar a sua colecção de Arte. E tendo como finalidades a Cultura, o Lazer, a Educação e a Assistência Social, através da atribuição de Prémios Escolares e Bolsas de Estudo.

O edifício foi construído na Quinta de São Pedro, propriedade do casal, tendo o projecto sido da responsabilidade do arquitecto Agostinho Rica, começado a construir em 1974 e concluído em 1982. A inauguração do Museu da Fundação ocorreu no dia 28/06/1985.

Convite

123º Aniversário de Dionísio Pinheiro

27 de Setembro de 2014

15:00 | Inauguração da Exposição de fotografia no Espaço Agora "Memória de uma Casa. De uma Cidade", Rodolfo Gabriel.

15:30 | Inauguração da exposição de Pintura no Espaço Projectos Memorium "Ouro sobre Azul", Seixas Peixoto

16:00 | Elogio Póstumo de Memória ao Dr. António Breda pelo Dr. António Augusto Faria Gomes

Nos 50 anos sobre a sua morte, uma homenagem a este ilustre benemérito aguedense, Médico, Director Hospitalar e grande amigo de Dionísio Pinheiro e seu companheiro na magnificência.

16.20 | O tardo-romantismo em Dionísio Pinheiro.

Aspectos de Memória de Amizade com Dr. António Breda pelo Conservador Vieira Duque

17:00 | Degustação de Vinhos "H.O - Horta Osório Wines", Douro



Ilustração sonora por Miguel Rodrigues, Piano e voz "Compromisso na Amizade"



Obras de Martinho Dias

Na Fábrica Social

A Fundação Escultor José Rodrigues - Fábrica Social, no Porto, acolhe duas exposições até 21 de Março, uma colectiva - «10 registos na figuração contemporânea» -, a outra individual - «Olhares: os estudos e os desenhos de António Soares». Esta mostra assinala o 120.º aniversário do nascimento do artista plástico (1894). Com curadoria de Nuno Senra, a mostra apresenta dois objectivos fundamentais: recordar o homem e a obra e mostrar o pintor menos conhecido, os estudos das obras, o traço, o primeiro olhar sobre as obras...



Um dia na terra

A exposição de Gonçalo Cadilhe «Um Dia na Terra - Fotografias do Quotidiano do Planeta» inaugura na próxima sexta-feira (26 de Setembro), na Árvore - Cooperativa de Actividades Artísticas, no Porto. Simultaneamente será feita a apresentação do livro com o mesmo título, que reproduz todo o material exposto e acrescenta vários capítulos inéditos (cerca de 200 imagens). A mostra, cuja inauguração está marcada para as 21 horas, é constituída por mais de 50 fotografias, em diferentes formatos, tiradas em meia centena de países ao longo de duas décadas. Estamos perante uma retrospectiva, onde continentes, culturas, paisagens, pessoas, lugares são apresentados numa escolha eclética e por vezes pouco óbvia, sublimada por textos que confundem e obrigam a leituras inesperadas das imagens. A exposição pode ser visitada até 22 de Outubro.

PUB

I. OS ENCONTROS CAMILIANOS DE SÃO MIGUEL DE SEIDE
CASA DE CAMILO VILA NOVA DE FAMALICÃO
10-11 OUT '14

WWW.CAMILIOCASTELBRANCO.ORG

"[...] à margem do córrego chamado Peia, riacho, que, pela primeira vez, é revelado ao mundo em letra redonda, assentou eu a minha tenda nómada. A minha tenda são uns vinte volumes, um fiteiro de ferro e um cello de pena de ossos."
 AMOR DE SALVAÇÃO, 1884

organizado por

colaboração

patrocínio

O meu IVA sem demora.

- Simples e rápido
- Até 100% do valor a receber
- Amortização com o reembolso do IVA

Uma gestão de tesouraria eficiente é fundamental para as empresas aumentarem a liquidez e expandirem negócios.

O BPI IVA JÁ permite antecipar os reembolsos de IVA através da contratação de financiamentos de curto prazo adaptados às necessidades de cada empresa.

Este produto é especialmente dirigido a empresas e empresários em nome individual que, de forma regular ou ocasional, beneficiem de reembolso de IVA.

Toda a informação em banco.bpi.pt/empresas

MELHOR
GRANDE BANCO
Categoria Grandes Bancos



BANCA & SEGUROS
Exame
2013

MARCA
DE CONFIANÇA



BEST LOCAL
PRIVATE BANK
EM PORTUGAL



Estes prémios são da exclusiva responsabilidade das entidades que os atribuíram.





Carlos Cabral Nunes
cabral_nunes@pervegaleria.eu

Palavras-Actos #52

Palavras-retomadas. Passou algum tempo, desde que aqui deixei as últimas palavras-actos. Como a vida não fica em suspenso, muita coisa decorreu. Para tentar recuperar o tempo, abordo o que foi sucedendo. Destaco a realização, entre Maio e Junho, de "(Con)Tributos da Liberdade a Joan Miró". Fruto da sociedade civil e da comunidade artística, com organização da Casa da Liberdade - Mário Cesariny, procurou evidenciar a importância de manutenção em Portugal das 85 obras de Miró, pertença do Estado Português. No texto que abria o catálogo geral das múltiplas iniciativas, escrevi: "Notícias recentes dão conta que as sociedades Parvalorem e a Parups, detidas pelo Estado, mantêm intenção de prosseguir com a venda de 85 obras de Joan Miró, num leilão em Junho, e que terão solicitado a suspensão de uma providência cautelar, interposta pelo Ministério Público, e aceite pelo Tribunal Administrativo. Torna-se imperativo dar um sinal claro de que a sociedade portuguesa se opõe, de forma veemente, a essa venda e que demanda as autoridades competentes para que viabilizem a exposição das obras em Portugal, tendo em conta que todos os portugueses foram chamados a pagar as dívidas do Banco Português de Negócios e que nunca, até hoje, lhes foi concedida a possibilidade de verem tais obras de arte". Ora, no decorrer desta ampla realização de tributos a Miró, muita coisa aconteceu. Centenas de artistas envolveram-se ativamente. Artistas plásticos e também performers, músicos, poetas, cineastas. Gente-gente, figuras públicas e pessoas anónimas, aderiram e quiseram dar o seu contributo para uma causa que deve ser de todos. Tudo feito num regime de voluntariado, *pro-bono*. No Porto e em Lisboa realizaram-se mais de 2 dezenas de iniciativas. Estava previsto estender as atividades a Londres, caso o leilão fosse por diante, em Junho. Felizmente não foi necessário porque a leiloeira decidiu, pela 2.ª vez, suspender a venda das obras, desta feita desistindo de marcar nova data. Tudo isto foi comovente e sinto-me particularmente grato por ter tido tanta e tão boa gente a colaborar numa causa que considero determinante para o país que temos e para aquele que queremos ajudar a construir - cultural e artisticamente válido, que não desbarata valiosos recursos mas os conserva para legar aos vindouros. Mas, se é certo que nisto houve vitórias, também é correto dizer que nada ainda está concluído. Desde logo, a deci-



Festival LUMINA, Casa das Histórias - Paula Rego, Cascais

são política de alienação das obras mantém-se, não obstante o Tribunal Administrativo de Lisboa ter dado provimento à 3.ª providência cautelar interposta pela Procuradoria-Geral da República. Avançando: as obras continuam em Portugal, aguardando decisão sobre o processo judicial que decorre nos tribunais. Se chegarmos a Outubro próximo neste impasse, não restará alternativa à Direção-Geral do Património para avançar com o processo de classificação, independentemente do desfecho do processo em tribunal. A lei impõe que sejam classificadas, após 10 anos no país. Claro que esse processo pode ser inquinado: a DGPC e o seu novo diretor podem desdizer os pareceres que já lá estão (pedidos pela anterior diretora) e tentar, com isso, declarar que as obras podem ser vendidas, para satisfazer a decisão política. Se isso acontecer teremos todos de levantar novamente a voz e protestar, mobilizando a sociedade. Mas estou confiante que, especialmente tratando-se de ano de eleições, isso não acontecerá. Será o novo governo a ter de decidir sobre o destino a dar a este importantíssimo património. Sem querer entrar em questões de política partidária, só posso desejar que, seja qual for o governo eleito nesse sufrágio, tenha mais e melhor sensibilidade para com as artes e a cultura. E, com isso, se possa, no futuro próximo, ver estas 85 obras de Joan Miró expostas, permanentemente, em Portugal, dessa forma gerando receitas e, sobretudo, contribuindo para o desenvolvimento cultural e artístico da nossa sociedade em geral e da museologia e do ensino, em particular.

Palavras-recentes. Um pouco por todo o país, vão acontecendo festivais e iniciativas artísticas e culturais meritorias. É o caso do festival "Lumina", em Cascais. Bem organizado pela dupla Nuno Maya e Carole Purnelle, prova que a arte pode ser agregadora e apelativa para as populações, se apresentada com meios e dignidade. Congratulo-me por, em 2008, ter (ante)visto a sua qualidade artística e de os ter mostrado na Trienal de Praga. Primeiro estranha-se, depois... O slogan que Pessoa criou em 1928, aplica-se eficazmente também no caso do Movimento "Artivista" iniciado por Rui Mourão. Estranhei primeiro, com efeito, pela proposta irreverente do 1.º ato no Museu do Chiado. Depois, foi-se entranhando, à medida que subiu a sua reivindicação e ousadia. Acho que o recente 3.º ato é o culminar do projeto inicial mas gostava que não terminasse por aí: sendo certo que a reivindicação de "1% para a Cultura" é algo que considero fundamental, não é menos correto se disser que há muitas outras causas (artísticas e culturais) que merecem ser defendidas. Espero que o Rui se mantenha ativo e que, com isso, contribua para o país que queremos (e devemos querer) construir. Parabéns e obrigado ao autor e aos participantes. Bem hajam e que mais gente se junte às suas (nossas) "Artividades". A terminar: sugestão para visitarem a exposição "Arte - Assistência | 15 artistas para AMI(gos)" que inaugura dia 26 de Setembro na galeria AMIarte, no Porto, depois de ter estado em Lisboa, a provar que, mesmo em tempos de crise, os artistas são seres altruístas.



Alberto Cadilhe

Premunição

Há um soneto de António Feijó que, na minha juventude, muito me impressionou. Sabia-o de cor e tinha-o como um dos poemas de eleição. Eis desse soneto os dois primeiros versos: *“Morreu. Deitada no caixão estreito, / Pálida e loira, muito loira e fria”*. E termina o seu poema dizendo: *“Levou-a a morte na sua garra adunca! / E eu nunca mais pude esquecê-la, nunca! / Pálida e loira, muito loira e fria...”*.

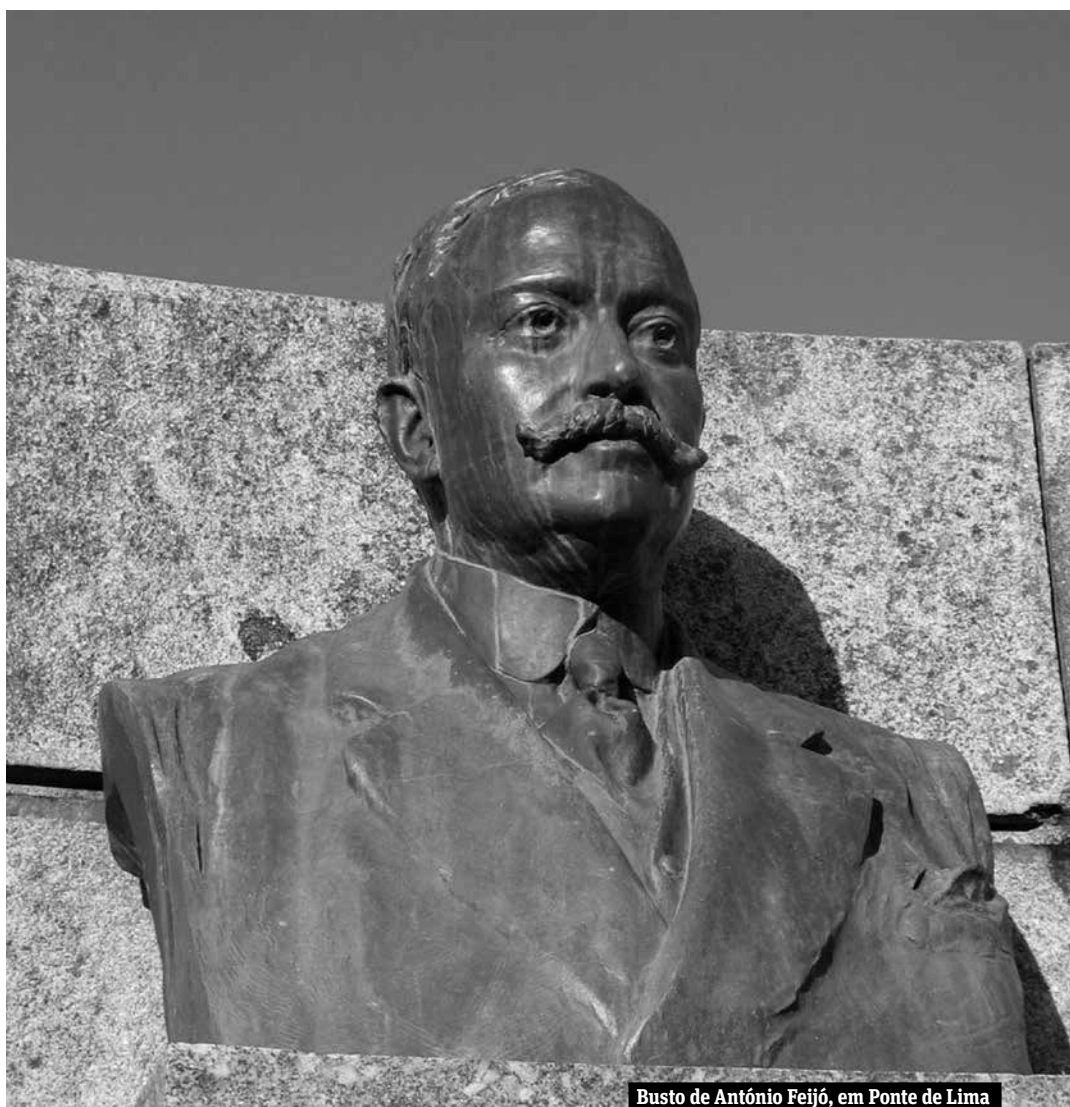
Esta descrição, gelada como a neve e fria como a noite de inverno, contém em si uma realidade cruel e triste, mas espectacularmente comovente. Veja-se, numa situação paralela (e sem querer fazer comparações), o adequado e correcto ‘eufemismo’ que, na célebre *“Alma minha gentil, que te partiste / Tão cedo desta vida, descontente”*, o nosso genial Camões empregou para suavizar a descrição do trágico acontecimento da prematura morte da sua amada (*partiste... desta vida, descontente*).

O poeta António Feijó, descendente de nobre família do Alto Minho, nasceu em Ponte de Lima em 1859 e faleceu em Uppsala (Estocolmo) na data de 1917. Depois de ter estado no Brasil como diplomata, foi para a Suécia em 1895, onde exerceu o cargo de embaixador em Estocolmo. Aí conheceu uma senhora, ainda nova, de nacionalidade sueca, com quem veio a casar em 1900. Era bonita e loira. Viveram os dois durante cerca de 15 anos, até que ela faleceu em 1915 com 37 anos, deixando em António Feijó um enorme vazio e um profundo desgosto.

Integrado na corrente parnasiana, António Feijó (que também usou o pseudónimo de Inácio de Abreu e Lima) brindou a literatura portuguesa com excelentes e harmoniosas poesias. Como obras principais legou-nos: *“Transfigurações”* (1878-82), *“Líricas e Bucólicas”* (1883, onde se inclui o soneto em causa), *“Ilha dos Amores”* (1894), *“Bailatas”* (1907) e *“Sol de Inverno”* (ed. póstuma de 1922). (*)

Voltando ao início desta minha narrativa e tendo em conta a parte final do soneto, julgo ser altura para confirmar que António Feijó nunca mais foi capaz de esquecê-la (nunca mais...), porquanto, no seu sofrimento inaudito e na sua desconforme amargura, acabou por morrer cerca de dois anos depois da sua querida e saudosa mulher.

Por isso e com muita razão um seu grande amigo (Alberto de Oliveira) na altura, após a sua morte, quando falava de António Feijó, dizia *“O que morreu de amor”*... E foi essa alusão que ficou para a posteridade. Desde então An-



Busto de António Feijó, em Ponte de Lima

tónio Feijó passou a ser conhecido por *“O Poeta Que Morreu de Amor”*!

Face ao que alguns analistas da vida e obra de Feijó terão aludido - ficou-me essa referência na minha memória de rapaz e leitor apaixonado de poesia -, existe uma circunstância extraordinária e invulgar, de carácter psicológico e premonitório, relativa ao citado poema. O mesmo foi feito (e publicado na obra *“Líricas e Bucólicas”* em 1983) muitos anos antes de António Feijó ter conhecido a sua amada. E, no fundo, tal poema retrata perfeitamente, não só o facto de ela ser loira, mas sobretudo que *“O Poeta que Morreu de Amor”* nunca mais a pôde esquecer. Nunca!

No seguimento desses analistas, António Feijó, numa dramática premunição ou numa terrível hipótese de coincidência, terá previsto no seu mencionado poema o que muitos

anos depois fatalmente lhe veio a acontecer. Fica este fenómeno de amor e de conteúdo complexo e transcendental para ser estudado no sector da literatura e da psicologia.

E o facto de haver outras versões sobre o motivo que poderá ter desencadeado em concreto o dito poema, isso não inviabiliza tudo quanto acima ficou exposto.

Seja como for, certo é que ambos (poeta e sua mulher) estão aconchegados e sepultados no Cemitério de Ponte de Lima, onde se pode ler numa lápide singela aí existente: *“O amor os juntou e nem a morte os separou”*.

NOTA

(*) Sobre vida e obra de Ant.º Feijó cfr: Hist. Liter. Portugª, de A.J. Saraiva-Oscar Lopes (9ªed, 1019-1022), Gr. Enc. Port. Brasileira (vol.II) e Liter. Portugª no Mundo de Célia Vieira-Isabel Rio Novo (vol.V, 26-27).



J. A. Gonçalves Guimarães
historiador,
mesário-mor da Confraria Queirosiana



Eça & Outras

As guerras em nome de Deus

Estamos a evocar o centenário da I Grande Guerra, aquela que foi feita «para acabar com todas as guerras» e para durar «seis meses». Não consta que então algum dos beligerantes invocasse que ia rechazar o inimigo em nome de Deus, porque se algum o fizesse ninguém o teria levado a sério. Mesmo assim, ainda se invocou a Santa Rússia, e os exércitos em confronto, perante a visão das mortes horríveis, foram acometidos de fenómenos de religiosidade espontânea, às vezes pouco ortodoxos, que os religiosos fardados, capelães católicos, protestantes e ortodoxos, tentaram enquadrar. Por toda a Europa, dentro e fora do teatro de guerra, ocorreram aparições da Virgem Maria, nomeadamente em Fátima, mas também, pelos vistos, se registaram fenómenos OVNI. A desgraça dos povos e a mortandade dos militares, dos civis e dos animais proporcionaram o extremar das crenças. Como ficou então muita coisa por clarificar, veio depois a II Grande Guerra.

Se na primeira ainda havia imperadores e impérios, vindos do século XIX, a segunda realizou-se já em plena soberania do povo, que, através de eleições, colocou no poder os governantes que a declararam e que a legitimaram, como foi o caso de Franco, Hitler, Mussolini, e outros governantes dos Aliados ou do Eixo. O povo podia ter vetado a guerra, mas estando então preocupado com as consequências da crise económica, do desemprego e da falta de perspectivas sociais, deixou isso na mão dos seus escolhidos, eleitos ou tolerados governantes. Depois foi morrer nos combates. Portugal, tendo entrado na primeira, fez-se neutro na segunda. E aqui, curiosamente, não foi o povo quem decidiu, mas o ditador de Santa Comba. Entretanto chegaram-nos mais algumas guerras avulsas depois, as da Coreia, do Vietnam, do Biafra e das colónias portuguesas de Angola, Guiné e Moçambique, além das do Médio Oriente, que continuou em guerra devido aos problemas ali deixados pelos intervenientes no segundo conflito mundial, nomeadamente os ingleses. Depois as guerras do Golfo, do Afeganistão, da Líbia, da Síria e, recentemente, a da Ucrânia, feitas em nome da sociedade ocidental (leia-se interesses ingleses, alemães, franceses, russos e, sobretudo,

americanos) contra os “ditadores locais”, então muito mais “ocidentalizados” do que os que se lhes seguiram e estão agora no poder, os quais, como se tivessem permanecido ou regressado à Idade Média, dizem que estão a fazer a guerra «em nome de Deus», o que até agora só era feito pelos judeus, que não abdicaram ainda do projeto imperialista religioso do “Grande Israel”, que Jeová lhes terá prometido, mas que se esqueceu de combinar com os palestinianos, o que mostra que alguns povos ainda têm um deus totémico, mas não universal. Mas foi em nome desse ente universal que recentemente o Papa Francisco proclamou que não se fazem guerras em nome de Deus, talvez a sua declaração mais teológica, mais polémica, mais carregada de esperança futura de todo o seu pontificado, até porque ele é hoje o chefe de um estado europeu e de uma religião que, até ao século XVIII, patrocinou guerras em nome de Deus contra os muçulmanos, os hereges, os animistas, os de qualquer outra crença diferente. Trata-se não apenas de uma mudança radical da política da Igreja Católica, como esta declaração terá provavelmente um grande efeito civilizacional que influenciará os homens e mulheres bons de todo o mundo, pois daqui para a frente só os fanáticos, os intolerantes, os fundamentalistas, ou seja, só os criminosos à luz do direito e da ética universais, continuarão a fazer guerras em nome de Deus, do seu deus étnico, o que a Humanidade já não tolerará. Provavelmente ainda teremos mais algumas guerras locais, para definir direitos territoriais e fronteiras, para proteger o acesso a bens e produtos pelos seus proprietários, para conter e reprimir bandos armados, para meter na ordem internacional ditadorzecos de circunstância, para reprimir a pirataria e o banditismo localizados ou internacionais, para reprimir o tráfico de produtos não controlados, sejam eles os medicamentos, o tabaco, a droga, ou o dinheiro sujo dos banqueiros de colarinho branco, que já em grande parte dominam os governos de muitos países e a política internacional.

Tudo isto me lembra o que Eça de Queirós escreveu há mais de cem anos:

«Por todo o universo a religião desaparece das almas;

e apenas lá fica essa vaga religiosidade, feita em parte do abalo que deu ao nosso coração uma tão longa sujeição ao sobrenatural, em parte do confuso terror que impera neste grande universo que nos cerca, tão simples e tão mal compreendido. Neste estado negativo, de passividade na dúvida, não se gera facilmente um impulso de ação forte. Um *jehad* no Islão é tão impraticável - como uma cruzada no cristianismo. Pedro Eremita hoje iria acabar na polícia correccional, por perturbador da ordem pública e das relações internacionais; e os fanáticos que, ainda hoje, às portas das mesquitas do Cairo, bradam contra o touriste estrangeiro as injúrias aconselhadas pela boa doutrina, são imediatamente levados para a enxovia, por *fazerem alarido nas ruas!*

Maomé, nas suas mesquitas, Cristo, nas nossas capelas, vão singularmente envelhecendo; o nosso Messias vai-se cobrindo pouco a pouco do pó que levanta o forte arado da razão, lavrando um mundo novo; e o profeta do Islão, tendo perdido a força da sua unidade, subdividido em mil profetas menores que presidem a mil seitas diferentes, mal pode resistir à lenta avançada da civilização ocidental. E com Cristo e Maomé, que eram os princípios militantes e vivos das suas religiões, desaparece o que nessas religiões havia de vivo e de militante. Resta Deus, resta Alá. Sublimes abstrações, incapazes de inspirar amor ou heroísmo» (Eça de Queirós, *Cartas de Inglaterra*).

Hoje, no Iraque, na Síria, na Palestina, na Argélia, no Afeganistão e no Egito, onde os EUA e o “mundo ocidental” têm ido abanar o vespeiro fundamentalista islâmico e judeu, há de novo guerreiros assassinos a fazerem a guerra em nome de Alá e de Jeová. Como pediu o Papa, não lhes juntemos Deus, e que impere o bom senso armado para conter os loucos que ali estão diariamente a assassinar seres humanos em nome de outro deus, só porque querem roubar-lhes a terra, a casa, a sua vida simples, pensando assim justificar os seus crimes aos olhos, quase sempre muito distraídos, da Humanidade, que já não acredita nem aceita esta justificação: os crimes cometidos têm autores, que deverão ser levados como réus aos fóruns internacionais.

Real Gabinete Português de Leitura

Localizada na Rua Luís de Camões n.º 30 no Rio de Janeiro, fundada em 1837 e aberta ao público desde 1900, a biblioteca do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro possui a maior coleção de obras portuguesas fora de Portugal, incluindo algumas raridades como manuscritos de Eça de Queirós.

Em Julho passado foi classificada como uma das vinte mais bonitas, segundo a classificação da revista “Time”, aparecendo na quarta posição junto das mais famosas bibliotecas do mundo. É atual presidente da direção o nosso confrade honorário Dr. António Gomes da Costa.

Email

queirosiana@gmail.com
confrariaqueirosiana.blogspot.com
eca-e-outrasblogspot.com

Coordenação da página

queirosiana@gmail.com

Endereço Postal:

Solar Condes de Resende
Travessa Condes de Resende, 110
4410-264 Canelas VN, GAIA - PORTUGAL
Tel.: 227 531 385 | Fax.: 227 625 622
Telex.: 968 193 238



Silvína Pereira
directora artística
do Teatro Maizum; investigadora

Dramas Imperfeitos

Oh, grande senhor Baco!

A cultura do vinho é iniciática e bebê-lo é uso antigo da humanidade. Alfaias, ânforas, sarcófagos, baixos-relevos, registam e testemunham a sua importância. Na antiguidade Dionisos/Baco é o deus das festas rústicas, e preside à sátira e à comédia que muito se tem aproveitado dos “malefícios” e dos “benefícios” do vinho.

Em Portugal, país das uvas e mosaico de sabores, também o vinho é fonte de inspiração do teatro português. Alguns textos dramáticos do século XVI, na sua vertente cómica, têm como protagonista esse *elixir vitae*, sumo de uva madura espremido e fermentado, néctar da terra e ambrósia dos mortais. O frade borrachão, o velho concupiscente, a alcoviteira, o jovem afogado em mágoas, toda esta galeria teatral se alimenta do vinho e do seu inebriamento.

No *Pranto da Maria Parda*, ou *Maria Mulata*, segundo Raphael Bluteau, a protagonista é grande apreciadora de vinho: “Oh, vinho mano, meu vinho / que má hora te gostamos”. O vinho está caro e inacessível. Sem dinheiro para o comprar, Maria Parda tenta desesperadamente obtê-lo fiado dos taberneiros, mas as “tabernas da Ribeira”, da Alfama, e da Mouraria estão fechadas ao seu clamor e não respondem à sua extrema necessidade de conseguir “um jantar de vinho”. Sequiosa e incapaz de o conseguir, Maria Parda morre de sede. Despede-se da vida e do vinho e das “vinhas de Caparica / onde meu desejo fica” não sem, antes, fazer disposições para o seu funeral, num alucinado discurso testamentário.

A edição do *Pranto* é de 1522, ano de fome severa na cidade de Lisboa. Aqui se vêem as difíceis condições de vida dos negros e mestiços no Portugal do século XVI. As classes populares viviam à beira da indigência, entre a miséria, a fome e o alcoolismo. E, embora a cidade de Lisboa, “cais do mundo”, se debruce sobre o luminoso estuário do Tejo, como escreveu Margarida Vieira Mendes “em toda esta paródia de tragédia: *a minhoca que puseram a secar* no começo deste auto irá, no final, para as estrelas altas e longínquas - da terra para o céu - mas com grande sede”.

Um segundo exemplo encontra-se na obra do dramaturgo juiz Anrique da Mota. A relação entre o vinho e o clero é um dos temas



Maria do Céu Guerra na peça «Pranto da Maria Parda»

tratados pelo “juiz dos orfãos em Óbidos” em diversas trovas e no seu *Pranto do Clérigo* onde um religioso chora inconsolável por uma pipa de vinho entornada. O clérigo convence os amigos a carpir com ele o vinho “falecido”, como se se tratasse da morte de um ente querido. A lamentação tem graça e engenho jocoso e satírico. A situação é muito teatral, pois o clérigo chora como um órfão pelo seu precioso vinho de “Caparica”, maldizendo o mundo e a criada negra com quem vive amancebado e revoltando-se, finalmente, contra a pipa que de maneira incauta deixou derramar a “rosa” da sua vida.

Para completarmos este magnífico mosaico de textos teatrais portugueses cuja acção se elabora a partir do vinho, lembramos a *Comedia Ulysippo* de Jorge Ferreira de Vasconcelos. Na 6.^a cena, do III acto, encontra-se uma cena que justamente celebra o Amor, a Poesia e o Vinho. Hypólito, filho do cidadão Ulysippo, é jogador e ama a jovem cortesã Florença. A mãe desta não está pelos ajustes, pois tem planos diferentes para a filha, ou seja, quer que esta funcione como mercadoria cara junto dos homens ricos que a pretendem. Nesse sentido, Macarena organiza uma festa na sua casa. Crisófilo, Caixeiro

dos Medices, um dos pretendentes, paga o festim dessa noite, com vista a ganhar os favores de bela Florença. A festa é animada por Parasito, personagem antiga, que trova, tange a sua guitarra e bebe. A um dado momento, como a comida não aparece, começa a dissertar sobre o vinho e o amor. Lambareiro vai provando os diferentes néctares, porque vinho é o que não falta na ceia paga pelo caixeiro. Sobremaneira aquecido pelo “sangue da terra”, exulta: “Ó grande senhor Baco! Ó melhor licor dos licores! Este cria o corpo, dá saúde, sustenta e conforta mais que todo outro manjar; amigo da natureza humana, alimpa o sangue danado, abre a boca das veias e, entrando per elas, desfaz o fumo que gera tristeza e dor”. Crisófilo tentando dar-lhe réplica, interpela-o, dizendo-lhe que sabe mais sobre o vinho e as suas virtudes que a famosa madre Celestina. Parasito, justifica a sua preferência pelo vinho, dizendo “eu, senhor, sou muito odorado de secura e a água enxauguame o estômago! E mais, dizem-me que

gera juncos no bucho que picam o coração e matam! E por isso, sou muito inclinado a este licor de Caparica. E, como homem é obrigado a entender das cousas que trata, quis assi saber-lhe os intrínsecos!”.

Vasconcelos fala-nos da embriaguez, desse estado divino de “permanecer no fogo sem se queimar”, propiciador de convívio e de palestrar espirituoso. O entusiástico hino ao vinho é *poesis* e exaltação da vida e da estrada larga do Amor.

O *Pranto da Maria Parda* parece ter contribuído para o gosto de dizer e fazer teatro. Veja-se como na *Comedia Aulegrafia*, também de Jorge Ferreira de Vasconcelos, este caracteriza o moço Cardoso como amante e actor de teatro evocando a mesma peça: “Sabe de cor as trovas de Maria Parda e entra por feitura no Marquês de Mântua”. Um testemunho indicativo de como a época respirava teatro. Os dramaturgos portugueses estavam conectados com a sociedade do seu tempo, quer denunciando a carestia, o açambarcamento e a inflação do preço do vinho, como o faz Vicente, quer satirizando a degradante borracheira fradesca dramatizada por Mota, quer ainda condenando o que hoje se designa como o comércio de carne humana, como faz Vasconcelos.



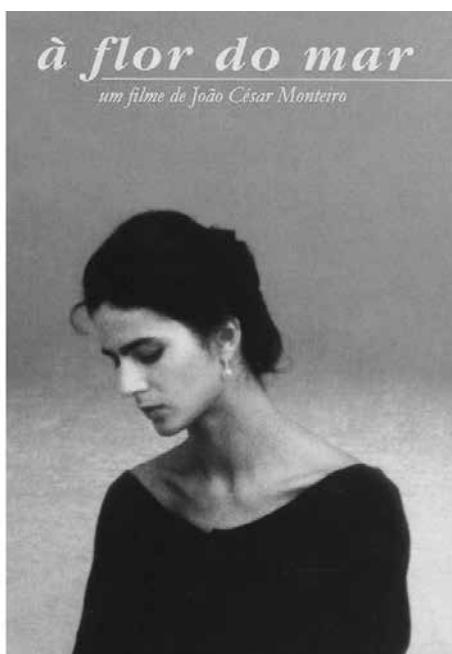
Rita Carvalho
estudante de Direito na
Faculdade de Direito da UPorto

À Flor do Mar: o que é que não ardeu em mim?

Ao som de um adágio bachiano, uma luz após a outra, quatro no total, apagam-se, até que o ecrã se encerra, na escuridão da noite. Será talvez esta a mais bela cena de *À Flor do Mar* (1986), filme ímpar na filmografia de João César Monteiro, mas, mais do que isso, sustado entre aquilo que Leonor Areal classificaria como as duas linhas mestras da obra do realizador, as histórias tradicionais de fundo medieval contrapostas às situadas em tempo real, carregadas de uma postura satírica capital. *À Flor do Mar* situar-se-ia ali, no meio, suspenso. Acrescente-se, porém, que não será suspenso tão-só quando em causa esteja uma disposição categórica da obra de César Monteiro. Trata-se, sim, e acima de qualquer outra coisa, de uma reticência material, de conteúdo: o filme corre (ou antes resvala) suspenso em todas as suas dimensões, no tempo, espaço e, fundamentalmente, no universo sensível dos seus personagens, em cuja intimidade não se chega bem a entrar, sem que se perca, por esse motivo, qualquer intensidade abaladora que nos acerca a partir daquilo que vai emergindo dos âmagos, em jeito de *por-menor*.

Começemos - e acabemos, se quiserem, é quanto basta - com Laura. Mulher belíssima, viúva do homem que só pintava aves e que nunca acabava um quadro, antes os destruía, conhece Robert Jordan, possível revolucionário-assassino que aparece a Laura num insuflável, perdido e ferido na costa algarvia, necessitado de refúgio.

Sim, Robert Jordan, um americano como o do Hemingway, mas de brinco na orelha e sem Maria - Oh, Maria! Amo-te e agradeço-te. *Como se fosse possível sair-se direitinho de uma novela de Hemingway*, acrescenta Sara que, contrariamente ao que possamos pensar, nunca chega a abandonar as vestes de Callas ou os versos de Virgílio. E ler-se-á em sair-se direitinho a impossibilidade de uma saída limpa, como um homem imperturbado, mas, ainda assim, com uma saída, ou tratar-se-á, pelo contrário, de uma imperiosa inabilitação para qualquer tentativa de evasão. Dali não se sai: será essa a tragédia. Ou dali não se sai impune, o que não é bem a mesma coisa. A tragédia deles, os personagens e, quiçá, também a nossa. E se a inter-



Laura Morante Philip Spinelli Mannela de Freitas
Teresa Villaverde Sérgio Antunes Rita Figueiredo

Realização, Argumento e Diálogos JOÃO CÉSAR MONTEIRO - Fotografia ACÁCIO DE ALMEIDA
Som JOAQUIM PINTO e VASCO PIMENTEL - Mistura JEAN-FRANÇOIS AUGER
Produção MONTEIRO & GIL - Apoio IPACA e E.C. GULBENKIAN - Distribuição ATALANTA FILMES

rogação pode conservar-se quanto a alguns personagens de *À Flor do Mar* e até quanto a nós mesmos, já que o espelho aparenta ser um objecto tão curioso, não o poderá quanto a Laura, esse ser que se vagueia conservando a sua angústia e calma sorridente - para escrever, bebe água - sem carregar nisso qualquer contradição. Para Laura não há regresso, nem mesmo com uma salvação americana. Sabemo-lo no momento do beijo, que num corte brusco não chega a existir, para dar lugar ao confronto com ela mesma, frente ao espelho, onde tudo o que estala é Bach e luz, nada de Laura. *Um destes dias tenho de arranjar coragem para esgravatar nos escombros. O que é que não ardeu em mim? Esta é a questão central a que todos os sobreviventes devem dar resposta.*

De forma sublinhada, vive nela a ideia-chave que atravessa a obra: tudo aquilo a que não podemos voltar, mas de que nunca saímos. O sabor do melão de outrora que já não mais existe. E não saímos de Bach, e não saímos de Callas, de Dante ou de Hemingway, nem tão pouco de Virgílio, e não saímos do arrebatamento do amor, aonde não regressa-

remos, contudo. Não saímos de tudo quanto nos tocou; não regressaremos a tudo quanto nos amou. Essa é a tragédia, que não é flagelo ou fatalismo, é antes vida e suspensão ou, noutras palavras, poesia. Certamente o leitor me perdoará esta troca fácil e de retracção fragosa entre o singular e o plural, entre Laura e nós. Há, naturalmente, diferenças. A impossibilidade, retratada nos longos planos do mar, pende Laura à abdicação, que não é mais do que o desespero já passada a tempestade. Para mais, é Yourcenar, não na tela, mas nas letras, quem nos lembra de que todos sabemos que as histórias do impossível não são mais do que efemeridade (restando somente saber da efemeridade do efémero). Contida nos seus movimentos, perfeitos ainda assim, ou talvez mesmo porque assim, destina-se em jeito de sentença a viver para *gastar a infelicidade que nos (lhe) resta.*

Laura vive, mas fá-lo à *flor do mar*, à superfície. César Monteiro, o homem que conhecemos como aquele que percorreu com maior veemência e impiedade o espaço da liberdade no cinema português não terá aqui fugido à regra. Talvez porque não se tenha limitado a ser precursor, mas tê-lo-á sido, ele mesmo, livre. Talvez. De resto, o seu alter-ego João de Deus, que nos é apresentado logo de seguida em *Recordações da Casa Amarela* (1989), *Comédia de Deus* (1995) e *As Bodas de Deus* (1999) não deixa margem para dúvidas. Habita no autor-actor um permanente salto de arrojo, uma necessidade última de levar até às derradeiras consequências aquilo a que se propôs. Residirá aí a sua liberdade, na absoluta renúncia à continência ou comediamento, explorando não os limites eles próprios, mas todas as formas - nunca se escapulindo à irreverência - de os ignorar, quiçá gozar. A Godard, que disse ser o cinema uma vigarice, responde que até essa vigarice pode ser superada (*Quem Espera por Sapatos de Defunto Morre Descalço*, 1970). E se a estética e temática de *À Flor do Mar* situam o filme num lugar arenoso na dialéctica de Monteiro, a poética do conhecido "objecto puro do desejo" não lhe é indiferente. Do que vemos em Laura: é aquela resignação que mata e, porém, é ali onde ela mais ferozmente vive e convida. Nem a abordar a contenção João César foi contido.



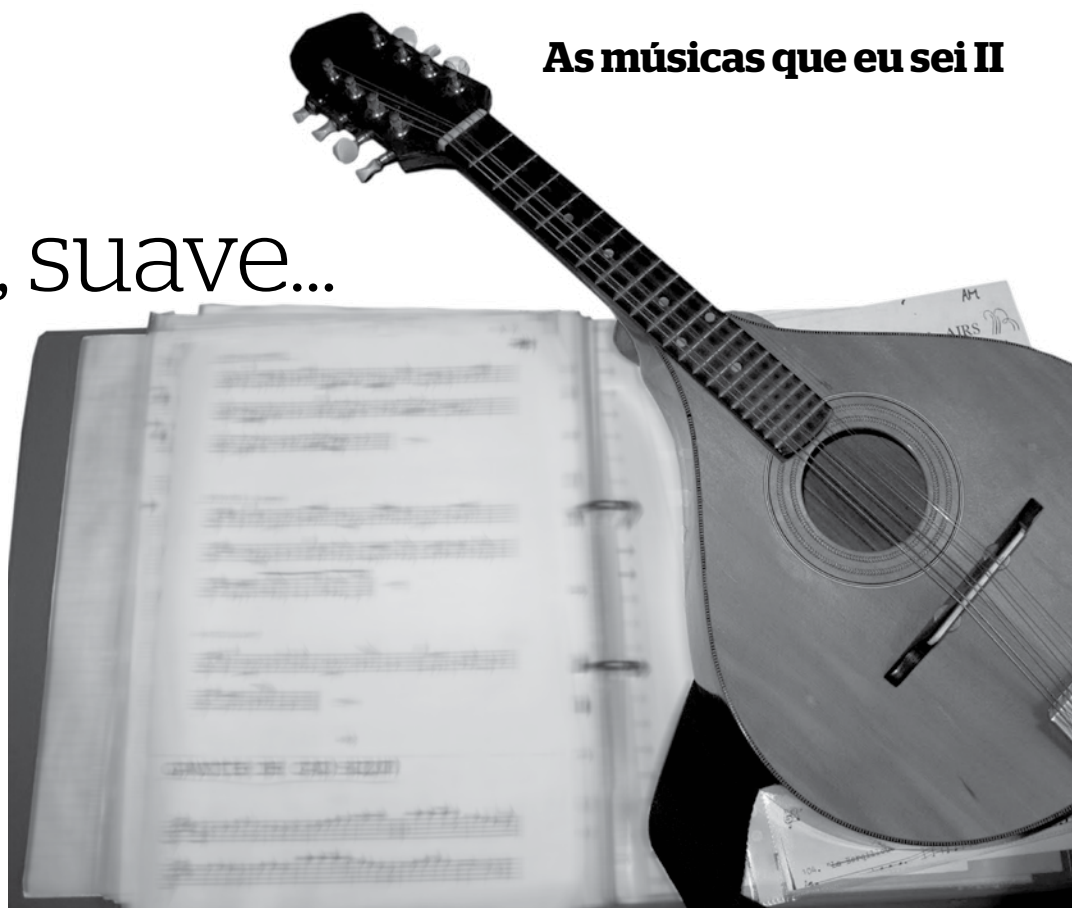
Carlos Tavares

Leve, breve, suave...

Em 1924, Fernando Pessoa publicava pela primeira vez na Athena o poema "Leve, breve, suave". Um poema curto, com duas estrofes de sete versos, carregado de significado e traduzindo magistralmente o sentimento - comum a tantos de nós - da efemeridade dos momentos bons da vida e a consequente incapacidade de os gozar plenamente. Quase setenta anos depois, o poema surge cantado por uma voz de exceção - Maria Ana Bobone - num disco originalíssimo e de grande qualidade com o título "Luz, destino". A delicadeza e a beleza do canto de Maria Ana juntam-se com a música - original ou sob a forma de arranjos - de João Paulo Esteves da Silva, o virtuosismo do guitarrista Ricardo Rocha e o excelente contrabaixista Mário Franco. A própria combinação de instrumentos - cravo, guitarra portuguesa e contrabaixo - com uma voz que normalmente se situa na área do fado desperta desde logo natural expectativa. Que é totalmente correspondida, com arranjos soberbos de fados tradicionais, alguns em estilo barroco, pequenas peças instrumentais assentes na improvisação e a canção de João Paulo sobre o "Leve, breve, suave", onde a voz de Maria Ana assume por inteiro a leveza e a suavidade do canto de ave do poema de Pessoa. Não é um disco fácil nem os seus autores procuraram a facilidade. Ele tem de ser ouvido e reouvido atentamente para se perceber que ele transpira rigor, talento e competência. Não é também classificável: não é um disco de fado, não é um disco de jazz, nem de música erudita, mas é isso tudo.

E, no entanto, este é um disco quase desconhecido do público. Eu próprio o conheci quase por acaso, por me ter sido oferecido pelo pai de João Paulo Esteves da Silva, meu colega na administração do saudoso Banco Português do Atlântico. O que nos deve levar a questionar as razões que levam a que trabalhos talentosos, originais e feitos com honestidade e competência não tenham o reconhecimento de muitos de qualidade menor, que nada de relevante acrescentam mas que apesar disso gozam de sucesso imerecido (embora frequentemente também efêmero).

Por muito que custe admitir, o baixo nível médio de educação musical no nosso país será uma das razões. Sempre entendi que a música deveria ser disciplina obrigatória nas escolas, até pelo contributo que dá para o equilíbrio e a disciplina da mente dos jovens. A aprendizagem da música é, ela própria, uma lição para a vida: exige esforço, chega a ser penosa, mas quando se trabalha o resultado é muito bonito e gratificante. Infelizmente, o ensino da música nas escolas - quando existe - é, muitas vezes, o caminho mais curto para destruir o gos-



As músicas que eu sei II

to pela música desde a mais tenra idade. Quantas vezes já não ouvimos aquelas flautas de bisel desafinadas a tocar o "atirei o pau ao gato"? Não tem de ser assim e não é assim em muitos países. Não me esqueço que numa viagem a Viena entrei numa catedral e vi, nas cadeiras, os cânticos da missa com as respectivas partituras, sugerindo que ler música é uma capacidade normal da população austríaca.

E isto faz toda a diferença para quem ouve música, mas também para quem a faz. Não é raro ouvirmos artistas da música "pop" gabar-se de não saber uma nota de música! Alguns até são bem criativos e compõem (ou "inventam") canções bem interessantes durante algum tempo. Mas esse tempo tem normalmente um limite - que até pode demorar a atingir - determinado pela falta de domínio da teoria musical. E quando ele é atingido, as canções tornam-se repetitivas, percorrendo os mesmos espaços e perdendo o brilho e a capacidade de surpreender. Como em todas as profissões, a prática e a teoria não podem viver uma sem a outra. E isso acaba por distinguir aqueles que aliam a capacidade criadora - porque essa não se aprende - a uma formação musical rica e que conseguem encontrar sempre novas formas de combinar as notas musicais que, afinal, até são poucas.

Este é o caso dos jovens músicos que há mais de 20 anos fizeram o "Luz, destino". Seguiram depois caminhos distintos, mas puseram sempre as mesmas competência, honestidade e brilho no que fizeram. Voltarei a falar de João Paulo numa das próximas crónicas. Nesta, gostaria de falar um pouco mais de Maria Ana Bobone que, pelas qualidades que revelou desde "Luz, destino", seria de esperar tivesse tido uma presença muito mais frequente e

visível na nossa música. Isso tem acontecido com outras cantoras da mesma área com infinitamente menores qualidades artísticas e pessoais. Julgo que em parte foi escolha sua, mas acredito que também terá pesado uma segunda razão. Que é a clara perda de qualidade da nossa rádio, relativamente ao que já aconteceu no passado. Os radialistas não têm, em geral, capacidade, formação ou autonomia para exercer a função de divulgação pedagógica que lhes caberia. Receio que haja uma interferência excessiva dos interesses de natureza comercial, ou algumas vezes simplesmente dos círculos de "conhecimentos", na selecção do que tem ou não tem destaque na nossa rádio. Não fora isso e seria de esperar que por exemplo o trabalho de Maria Ana "Fado & Piano" tivesse sido um dos discos de fado de maior exposição pública. As músicas são boas, o canto é magnífico e elegante, num disco que recupera a tradição do século XIX do fado "de salão", com acompanhamento ao piano (e não com as habituais guitarras).

Há pouco tempo ouvi passar na rádio um dueto em inglês numa música de sabor "country" em que a cantora - extraordinária - sugeria um misto de Dolly Parton, Joni Mitchell e Joan Baez! Com surpresa, ouvi o radialista referir os intérpretes no final da canção: Mikkel Solnado e... Maria Ana Bobone. É o prenúncio de um novo disco, completamente diferente do anterior, com originais seus, comprovando a capacidade de realizar obras muito diferentes por quem tem conhecimentos e talento para tal. Não tenho dúvidas de que será um magnífico trabalho, atendendo à amostra do tal dueto. E porque o canto de Maria Ana, qual ave do poema de Pessoa, é leve e suave. Pena que também seja tão breve...



Carlos Fiolhais

professor de Física da UC,
comissário português para 2015
- Ano Internacional da Luz, tcarlos@ucpt

“Mais Luz!”: 2015, Ano Internacional da Luz

A 25 de Novembro de 2013, a Assembleia Geral das Nações Unidas, no decurso da sua 68.^a sessão, proclamou 2015 como o Ano Internacional da Luz (AIL2015). O Ano Internacional da Luz é uma iniciativa à escala global que pretende destacar aos cidadãos de todos os países a relevância da luz, em particular das tecnologias baseadas na luz, nas suas vidas e no seu futuro, que é como quem diz, no desenvolvimento humano e social. Trata-se de uma oportunidade única para inspirar, educar e ligar pessoas de um modo global em torno de um tema unificador.

De facto, a luz tem aspectos científicos descritos pela matemática, pela física, pela química, pela biologia, pela geologia e por várias engenharias. Mas a luz está presente nas nossas vidas graças a óculos e aparelhos que usam raios infravermelhos, microondas, raios X, etc. (estas formas de radiação não são mais do que diferentes formas de luz, que usamos no quotidiano, em tudo semelhantes à luz visível excepto no diferente comprimento de onda). Por outro lado, a luz encontra também acolhimento em muitas áreas da cultura, como as artes visuais, a fotografia e o cinema (as duas últimas artes estão inteiramente baseadas em tecnologias da luz).

Porquê 2015? Normalmente os anos internacionais, como foi em 2005 o Ano Internacional da Física, assinalando os cem anos da publicação dos principais trabalhos de Einstein, coincidem com alguns aniversários muito significativos na história da ciência e das técnicas. As Nações Unidas destacaram cinco datas históricas com particular pertinência para o estudo da luz, que deverão ser celebradas no próximo ano:

- **1015** - Ano em que o árabe Ibn Al Haytham (conhecido também pela forma latina Alhazen) escreveu o primeiro “Livro de Óptica”.

- **1815** - Ano em que o francês Augustin-Jean Fresnel apresentou a sua teoria sobre a natureza ondulatória da luz, que desfez na altura uma controvérsia a respeito da luz.

- **1865** - Ano em que o britânico James Clerk Maxwell publicou a sua teoria de electromagnetismo, afirmando que a luz eram ondas electromagnéticas (essas celebradas equações de



Maxwell explicam todos os fenómenos eléctricos, magnéticos e ópticos).

- **1915** - Ano em que o suíço nascido na Alemanha Albert Einstein publicou a teoria da Relatividade Geral, apresentando a luz no espaço e no tempo: a luz era encurvada nas proximidades de um corpo com massa elevada, que deformava o espaço-tempo à sua volta.

- **1965** - Ano em que os norte-americanos Arno Penzias e Robert Wilson descobriram a chamada radiação cósmica de fundo, a luz mais antiga do cosmos que corresponde ao nascimento dos átomos, quando o Universo tinha cerca de 380.000 anos; e também o ano em que o norte-americano Charles Kao apresentou a tecnologia da fibra óptica, que hoje está generalizada para a difusão dos sinais de televisão e Internet.

Para além das referências históricas, a escolha do tema da luz justifica-se em diversas dimensões. A ciência da luz deu origem a aplicações com impacto directo na qualidade de vida em todo o mundo. Essas aplicações são dos maiores motores económicos da actualidade: basta pensar nos telemóveis, na televisão, na Internet, nos lasers, etc. São usadas nas comunicações, na saúde, no ambiente e no socie-

dade. O tema da luz, ao ligar várias ciências e ao ligar as ciências à vida, oferece um potencial pedagógico extraordinário: não se trata de celebrar o ano de uma disciplina isolada, como a física, ou a astronomia, mas sim, de uma faceta transversal de várias delas, de praticamente todas elas.

O ano de 2015 constitui uma oportunidade extraordinária para a coordenação internacional de actividades educativas e para a promoção de novas iniciativas que demonstrem o nosso conhecimento da luz e as tecnologias revolucionárias que nele assentam, que ajudam ao desenvolvimento sustentável. Perspectiva-se uma fértil colaboração entre instituições científicas, entidades educativas, organizações sem fins lucrativos, empresas privadas, organizações culturais, etc. Ao contrário do que aconteceu no Ano Internacional da Física em 2005, Portugal não esteve entre os países que apresentaram e defenderam a proposta junto das Nações Unidas. Mas Portugal, que

tão boa figura na cena internacional tem feito noutros anos internacionais, terá um programa nacional de actividades à volta da luz e das suas aplicações. Uma comissão nacional está já constituída, que integra representantes da Sociedade Portuguesa de Física (a Sociedade Europeia de Física cujo presidente esteve há pouco entre nós, foi o grande promotor mundial da iniciativa), da Ciência Viva - Agência Nacional para Cultura Científica e Tecnológica, da representação nacional da UNESCO, da Sociedade Portuguesa de Química, da Sociedade Portuguesa de Óptica, etc. A Comissão, que já abriu uma página na Internet (<http://ail2015.org/>), esboçou um programa nacional em quinze pontos, para cuja concretização busca apoios públicos e privados, e enquadrará quaisquer iniciativas à volta do tema da luz que mostrem suficiente qualidade. A Comissão assegurará as ligações internacionais (<http://www.light2015.org/Home.html>).

As últimas palavras do poeta, romancista e dramaturgo alemão Johann Wolfgang von Goethe foram “Mehr Licht!”, em português “Mais Luz!”. No mundo e em Portugal este pode bem ser um lema a usar para 2015 - Ano Internacional da Luz.



Luís Cabral
bibliotecário, arquivista

“Vida em Família”: uma recuperação de património cultural

Nos caminhos de Lordelo para a Foz, na velha Mata da Pasteleira - espaço rural com ressonâncias da 2.^a Invasão Francesa (1809) e do Cerco do Porto (1832-1833) - foram surgindo, ao longo da segunda metade do século XX, diversas urbanizações.

De todo o amplo conjunto aí edificado é num dos três prédios do risco de Arménio Losa que aqui nos centramos. Os dois primeiros são de 1964, sendo o terceiro de 1970, todos construídos por iniciativa da Caixa Geral de Depósitos.

Arménio Losa (1908-1988) nasceu em Braga e foi um importante arquiteto e urbanista português. Aluno de Marques da Silva (1869-1947), teve uma profícua e duradoura relação profissional com Cassiano Barbosa (1911-1998). Foi o primeiro responsável pelo Gabinete de Urbanismo da Câmara Municipal do Porto. Seguindo uma prática que em certa medida se ia generalizando na época, foram encomendados ao Pintor Júlio Resende três painéis cerâmicos, um para cada prédio. “Vida em família” é o título do painel que aqui consideramos, ou seja, o do prédio do meio, na Rua Paulo da Gama, n.º 550.

Os trabalhos de artistas plásticos no campo da cerâmica constituem hoje em dia, por esse Porto fora, um verdadeiro repositório da arte contemporânea. No conjunto da obra de Mestre Júlio Resende estes painéis representam um momento importante no contexto dos muitos murais que produziu para edifícios públicos e privados. Na verdade, marcaram um caminho no sentido da reutilização do azulejo na arquitetura portuguesa, que virá a ter o seu cume na “Ribeira Negra”.

“Um mural num espaço urbano é o mais justo fim de uma pintura. Aí atinge plenamente a sua função social, e é essa a razão da sua existência.” JR

Júlio Resende nasceu no Porto em 1917 e faleceu em Gondomar em 2011. Estudou na Academia Silva Porto e na Escola de Belas Artes do Porto, tendo sido discípulo de Dórdio Gomes. Realizou inúmeras exposições em Portugal e no estrangeiro. A partir dos anos cinquenta, para além do desenho e da pintura, dedicou-se também a conceber painéis de azulejo. A sua vasta e multifacetada obra é permanentemente evocada no Lugar do Desenho/ Fundação Júlio Resende, em Gondomar.

No caso particular deste prédio notemos um importante ponto de partida: a existência de uma certa consciência de património cultural por parte dos residentes, o que levou a administração do condomínio a reconhecer o interesse que o painel instala-



do no seu prédio tinha, tomando as medidas conducentes à sua preservação enquanto obra de arte.

O êxito final do trabalho resultou do envolvimento de vários parceiros: naturalmente, a própria Administração do Condomínio, enquanto dono da obra e promotor dos trabalhos de recuperação do painel; o Lugar do Desenho/ Fundação Júlio Resende, prestando consultoria artística; a Fundação Calouste Gulbenkian no seu papel mecenático, reconhecendo o interesse e a valia artístico-cultural do projeto; a Câmara Municipal do Porto, convidada a assessorar o processo, acompanhando as diferentes fases, e, é claro, a empresa especializada - SELO. Conservação e Restauro, Lda.

O painel cerâmico encontra-se colocado no átrio principal do prédio e é composto por 612 azulejos (da Fábrica do Carvalinho, Porto/ Oficina do Outeiro, Águeda) e mede 1,35 x 5,10 m.

Apesar de aparentemente estar em causa um único trabalho, os procedimentos de tratamento do painel cerâmico e da sua área envolvente implicaram várias fases, a saber: a) identificação do problema; b) estudo de possíveis soluções; c) angariação de parceiros d) programa de trabalhos; e) seleção de uma firma especializada; f) acompanhamento técnico; g) realização de trabalhos complementares.

Para mais pormenores remetemos para o relatório final elaborado por Raquel Oliveira, arquiteta e técnica de restauro. Como compete, procede à descrição circunstanciada das operações levadas a cabo de maio a julho de 2014. Desse relatório citamos as principais operações envolvidas na conservação e restauro: registo contínuo e identificação; levantamento fotográfico e gráfico; colocação de *facing*; remoção dos azulejos em destacamento; picagem da superfície; restauro dos azulejos; limpeza da argamassa do tardo; remoção do *facing*; limpeza da superfície vidrada; colagem dos azulejos partidos; integração volumétrica; integração cromática; proteção final nas zonas reintegradas; nivelamento da superfície; colocação dos azulejos; fechamento de juntas.

A terminar, destacam-se duas intervenções que se revelaram particularmente decisivas para o bom êxito deste projeto: a do Dr. Artur Santos Silva, Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, e a do Dr. Raul Matos Fernandes, antigo Diretor Municipal de Cultura da CMP, em representação do condomínio. Resultante sobretudo da ação de ambos fica-nos um interessante exemplo que pode ser seguido por quantos tenham a sorte de possuir nos seus prédios obras de artistas plásticos da qualidade deste painel “Vida em família”, de Mestre Júlio Resende.



José Almeida
doutorando em Filosofia na FLUP

Ariano Suassuna: A fantástica vida do último grande sebastianista

Desconhecido de tantos portugueses, Ariano Suassuna foi um dos grandes autores de língua portuguesa da segunda metade do século XX e inícios do século XXI. Romancista, poeta, dramaturgo e ensaísta, deixou-nos obras incontornáveis como “Auto da Compadecida” (1955) ou “O Romance d’A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta” (1971). Incansável defensor e promotor da cultura e tradições brasileiras nordestinas, soube interpretá-las como projecções e extensões da grande herança portuguesa.

Há pouco mais de um ano, disse-nos o nosso amigo José Marques, e muito bem, que Ariano Suassuna era o escritor vivo que melhor tratava a língua portuguesa. Não se enganava. Quem conhece a sua obra sabe que esta afirmação corresponde à verdade. O autor nascido na Paraíba conhecia bem as raízes da sua língua, preservando não só a sua origem, como todo o contexto histórico-cultural que a acompanhou ao longo dos séculos. Não nutria complexos colonialistas em relação a Portugal, pelo contrário, associava o nosso país à linhagem brasileira, estimulando e preservando no plano do espírito essa ascendência aurífera encarnada no velho Império Português.

A notícia do seu recente desaparecimento projectou-se em alguns de nós como uma trágica visão, na qual assistimos tristes e inconsoláveis à queda de um Padrão dos Descobrimentos. Um outro amigo lamentou-se consternado: “As luzes vão-se apagando.” De facto, não conseguimos ficar indiferentes à partida de personalidades desta dimensão. Sobretudo em momentos conturbados como os que agora vivemos e no qual sentimos dificuldade em vislumbrar aquilo que noutros tempos nos aparentava ser a natural sucessão de gerações entre os nossos maiores.

Uma vida admirável

Ariano Suassuna nasceu a 16 de Junho de 1927 na cidade de Paraíba, actual João Pessoa. O seu pai, João Suassuna, foi um importante advogado ligado à vida política brasileira, tendo sido assassinado no Rio de Janeiro quando o escritor tinha apenas três anos de idade. Este acontecimento violento haveria de o marcar profundamente a si e à sua obra, em parte caracterizada pela ténue linha que separa a justiça da injustiça. As primeiras produções surgiram já em Recife, local onde fixou residência a partir de 1942 e onde realizou os seus estudos. Foi na faculdade, onde acabou por formar-se em Direito, que travou amizade com Hermilo Borba Filho, com quem fundou o Teatro do Estudante de Pernambuco e, posteriormente, em 1959, o Teatro Popular do Nordeste. Seguiu-se um período em que conciliou uma carreira de advocacia com uma fecunda produção literária, sempre apaixonado pela vida e pelo amor, as suas maiores inspirações. Durante essa época conheceu a sua mulher. Sobre ela diria, em 2012, numa das suas famosas aulas-espectáculo: “Namoro com ela desde o dia 27 de Agosto de 1947. Não acabou ainda, nem vai acabar. A velhi-

ce não pode, nem a morte vai poder acabar com essa paixão.”

Em 1956, decidiu abandonar a sua carreira de advogado, tornando-se Professor de Estética na Universidade Federal de Pernambuco. O seu reconhecimento levou a tornar-se membro da Academia Pernambucana de Letras e da Academia Paraibana de Letras, tendo recebido uma distinção “Honoris Causa” pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte no decorrer do ano 2000.

Idealista e ciente da importância da sua missão junto do povo brasileiro, utilizava a sua obra para despertar as almas e consciências entorpecidas. Pragmático, encarava a política à maneira clássica, com um “P” maiúsculo. Procurando sempre aproximar a prática política do bem-comum, ocupou vários cargos de destaque, entre os quais o de assessor do Governador de Pernambuco, desempenhando ainda diversos mandatos como Secretário de Cultura do mesmo Estado.

A sua ligação a Portugal estabeleceu-se de várias formas, nomeadamente por via filosófica e poético-literária, pelo que demonstrou sempre uma grande admiração por autores como Gil Vicente, Luís Vaz de Camões, Padre António Vieira, ou Fernando Pessoa. Ao longo da sua vida, Ariano travou conhecimento com diferentes gerações de personalidades ligadas à cultura portuguesa. Desde logo com Agostinho da Silva, que conheceu na Baía em inícios da década de 1960, ou com António Quadros, de quem foi muito amigo, mas também com António Telmo, António Braz Teixeira, António de Abreu Freire, Paulo Borges, José Marques, Manuel Gandra, Almeida Faria e até, mais recentemente, Walter Hugo Mãe, entre outros.

A defesa do Nordeste

Tal como Guimarães Rosa no âmbito da literatura, ou Vicente Ferreira da Silva no âmbito da Filosofia, também Ariano assumiu a tradição ocidental como a principal matriz cultural do seu Brasil. Deslocou o eixo civilizacional mediterrânico-peninsular para o grande Sertão, absorvendo-o segundo uma reinterpretação da leitura portuguesa. Aveso à crescente influência da cultura de massas de inspiração anglo-saxónica, considerava-se um opositor desta no contexto da defesa da cultura tradicional brasileira, em particular, da nordestina.

A criação do Movimento Armorial, logo em inícios dos anos 1970, constituiu um dos mais importantes e

subestimados movimentos artísticos de toda a América Latina. Começando pela recuperação da tradição literária e poética nordestina, com fortes raízes na cultura portuguesa, passando pela música, dança, dramaturgia, pintura, ilustração, escultura, olaria, cinema, arquitectura, entre outras formas de expressão artística. Esta revitalização tradicional processou-se segundo um cruzamento entre a arte popular e uma harmoniosa reinterpretação modernista da mesma, semelhante àquela descrita por António Quadros em “O Primeiro Modernismo Português: Vanguarda e Tradição”, a propósito da realidade artística nacional em inícios do século XX.

O Sebastianismo

Tendo recebido uma educação calvinista, passou por um período de agnosticismo antes de se converter ao catolicismo. Este foi outro importante momento da sua vida e que muitas repercussões trouxe à sua obra, em particular face à questão do Sebastianismo. Ariano foi um sebastianista convicto, plasmando a crença messiânica em praticamente toda a sua obra.

O seu Sebastianismo integrava três planos distintos, mas complementares entre si: o religioso, o social e o psicológico. Era segundo esta concepção tripartida do mito que Ariano procurava perceber e explicar os pujantes mistérios do povo sertanejo. Segundo António Quadros, esta forte ligação ao Sebastianismo é em parte herdada pelo seu pai, mas também por toda uma longa tradição poético-literária brasileira, inspirada pelo ciclo do Graal, os romances de cavalaria medievais, o profetismo e o messianismo, na qual se inscreviam outros escritores como Guimarães Rosa, José Lins do Rego, Joaquim Cardozo, Jorge de Lima, Guilherme de Almeida, ou a própria poetisa Cecília Meireles.

Ariano Suassuna partiu no passado dia 23 de Julho, depois de três dias de internamento no Real Hospital Português, em Recife, onde recuperava de um AVC. Para além da perda de um singular e incontornável homem de cultura, parte para junto de Deus o maior sebastianista dos últimos 60 anos. Alguém que, melhor do que ninguém, soube manter viva a nossa tradição, sempre fiel a El-Rei D. Sebastião, à sua memória e ao seu Sacro Reino. Conforme escreveu o cantor brasileiro Alceu Valença: “Ariano é eterno em sua irreverência, profundidade, sabedoria e universalidade.” Por esse motivo deixará entre todos este sentimento de perene saudade.

FERNANDO FERNANDES

47 ANOS DE DIVULGAÇÃO DA LEITURA

Organização:
José da Cruz Santos
Apoio artístico:
Dulce Andrade Alôa
Direção gráfica:
Armando Alves



“Fernando Fernandes: A Divulgação da Leitura” no Porto

É já a partir de Outubro que, semanalmente, todos os sábados à tarde, pelas 16h00, a cidade do Porto e o Norte em geral, vão poder passar a contar com um programa experimental, para o último trimestre do ano. A iniciativa da Sociedade Portuguesa de Autores chama-se “SPA: Cultura a Norte” e propõe-se ampliar a oferta da sua animação cultural no Norte, a partir de um programa de natureza regular, com formato de temas mensais. Cada tema incide sobre uma personalidade ou instituição que se destacou na vida cultural do Norte, homenageando-a, mas daí partindo para a abordagem de diversas problemáticas, e para lançar o debate e perspectivas sobre diversas áreas da autoria.

Este programa, que conta com diversas parcerias, tem entre elas a deste quinzenário, que tem sido o porta-voz da vida literária e artística nortenha. Aqui, a par e passo, se irá dando conta do seu desenvolvimento.

A Administração da SPA encarregou o encenador Jorge Castro Guedes, seu cooperador de há muito e também habitual colaborador neste quinzenário, de desenhar e propor as estratégias e conteúdos programáticos da iniciativa, cuja organização fica adstrita ao Gabinete de Acção Cultural e Relações Institucionais da SPA.

Além do “As Artes entre As Letras”, contam-se também como parceiros já firmados a Câmara Municipal do Porto, o Cineclube do Porto, o Festival das Curtas em Vila do Conde, o Coral de Letras, o Coral Gregoriano do Porto, a Universidade Popular

do Porto, o Pinguim Café e o Museu Nacional Soares dos Reis, onde se realizará regularmente a sessão de abertura de cada tema. Além do parceria alargado na comunicação social ao Grupo Controlinveste, outros parceiros, espera-se, irão surgindo naturalmente.

Em conversa informal com Castro Guedes, ficámos a saber que a ideia do presidente da SPA, o escritor, poeta e músico José Jorge Letria, ao avançar com o desafio para este programa, é o de dar uma maior relevância à vida cultural no Norte, naturalmente a partir do Porto, mas daí irradiando para mais cidades e vilas. Aliás, Vila do Conde será já a primeira a acolher um dos eventos do mês de Novembro. E no Porto também se procurará pesquisar e dar a conhecer espaços, diversificando-os para cada um dos sábados em que estes aconteçam na cidade, como um complemento em si mesmo simbólico da riqueza patrimonial existente na região e na cidade.

Este formato, segundo Castro Guedes, visa fidelizar o público - ou públicos, como preferiu salientar -, criando o hábito de uma actividade regular recorrente em termos de dias e horário. Mesmo assim, admite, trata-se de uma experiência, de cujos resultados dependerá, naturalmente, a continuidade e, sobretudo, a forma que terá este mesmo programa. Por outra parte, além de tornar a homenagem em acto vivo, mais do que memorial, memórias em que pode assentar o futuro, procura não só abordar diversas áreas do trabalho autoral, mas

interligando mesmo sectores em cada iniciativa. Não querendo deixar de acrescentar que se do ponto de vista orgânico o programa “SPA: Cultura a Norte” representa um esforço descentralizador da SPA, do ponto de vista cultural não se trata de descentralizar coisa nenhuma, no sentido de partir do centro para a periferia, mas justamente de reconhecer e valorizar a actividade autoral geograficamente dispersa, que se congrega através da própria SPA e a SPA representa com orgulho.

Castro Guedes diz-se consciente da tarefa hercúlea de um projecto tão contínuo e ambicioso, mas diz que conhece bem o Norte e acredita que a questão é arrancar com força; depois, difícil há-de ser como agendar o tanto que os próprios autores, agentes culturais, instituições e personalidades do velho e orgulhoso Norte gardingo não vão parar de propor, apoiar, fazer, inventar. E esse papel, de estímulo e alavanca, é a missão a que “SPA: Cultura a Norte” se propõe. Não vem para outra coisa que não seja mostrar o que existe, mas por vezes com menos visibilidade do que a que merece.

A programação nesta fase, incidirá sobre “Fernando Fernandes: A Divulgação da Leitura” em Outubro; “O Cinema no Porto: E no princípio era o Cineclube do Porto” em Novembro; “Óscar Lopes: Saber e Partilhar, Amar a Língua Portuguesa” em Dezembro. Trata-se de estandartes da cidade do Porto e do Norte, cuja representatividade nacional não oferecem dúvidas e estão entre muitas, mesmo muitas, que podem constituir um caudal inesgotável, não só de encontro, como de debate e reflexão. A iniciativa arranca no dia 4 com uma exposição sobre o homenageado, que permanecerá no Museu Nacional Soares dos Reis, com lugar a intervenções e/ou comunicações de diversas personalidades: o livreiro Antero Braga, o artista plástico Armando Alves, o historiador Hélder Pacheco, a galeista Manuela Abreu e Lima, o escritor Mário Cláudio, o jornalista Luís Miguel Queiroz, o programador cultural Nuno Vidal, o crítico literário Ramiro Teixeira, o arquitecto Teixeira Lopes e a directora deste quinzenário, Nassalet Miranda. Além de outras personalidades ligadas à vida cultural da cidade, como o advogado Miguel Veiga e o engenheiro João Viana Jorge, também serão lidas partes do livro editado por Cruz Santos, de extensa quantidade e qualidade com a bio-bibliografia sobre o livreiro Fernando Fernandes, verdadeira lenda viva da cidade do Porto, tantas vezes lembrado pelas livrarias Divulgação e Leitura, verdadeiros ex-libris da vida cultural, social e até política ao tempo da ditadura.

A vertente artística de animação nesta primeira sessão, além da exposição prevista, é assegurada pelo pianista Fausto Neves.

Entretanto, no sábado seguinte, dia 11, no mesmo âmbito, o Cineclube do Porto apresentará um filme, cuja temática se encontra ligada ao livro e à leitura, como aperitivo para um debate sobre o mesmo e a ligação do próprio cinema com a literatura. Também às 16h00, mas desta feita na Casa das Artes.

Abertura do Novo Ano do ICDAFG

A sessão solene de abertura do novo ano do Instituto Cultural D. António Ferreira Gomes (do Porto) terá lugar no auditório da Biblioteca Almeida Garrett, no Porto, no próximo dia 9 de Outubro, às 18 horas. Presidida pelo bispo do Porto, D. António Francisco dos

Santos, a sessão homenageia o padre Agostinho Jardim, cuja "Laudatio" será feita por D. Manuel Martins. No 18.º ano de actividade do Instituto será anunciada o Prémio Frei Bernardo Domingues que será atribuído anualmente "a uma obra de carácter person-

lista humanista". A "Sapientiae lectio" será proferida pelo presidente da Câmara Municipal do Porto, Rui Moreira, e subordinada ao título «O Porto e a Cultura». O novo ano já arrancou e, segundo o presidente da Direcção do ICDAFG, com "um programa vivo e diversificado. Diversificado nas matérias e vivificado por novos docentes. Mais docentes e novas matérias, sinal do vigor cultural deste Instituto".

«Conferência Dia Europeu das Línguas»

Na próxima sexta-feira, 26 de Setembro, o espaço m, no Porto, recebe a «Conferência Dia Europeu das Línguas», a partir das 18 horas, no Auditório 1. A celebração dos 800 anos da Língua Portuguesa conta com a presença de Edite Estrela e de Jorge Castro Guedes - o encenador abordará a Língua Portuguesa no Teatro - e de uma exposição sobre o «Potencial Económico da Língua Portuguesa», patente em vários locais do atmosfera m.

Novo livro de António Bacelar Antunes

«Pelo Rio da Memória», de António Bacelar Antunes, será lançado no dia 1 de Outubro, às 16 horas, no Auditório da Biblioteca Municipal Almeida Garrett, no Porto. A abertura da sessão será feita por Adelaide Pereira (Vivacidade - Espaço Criativo), seguindo-se a actuação do saxofonista Tiago Silva. A apresentação da obra e do autor estará a cargo de A. S. Maia Gonçalves, que prefaciou o livro, seguida de uma breve intervenção do autor e de uma sessão de autógrafos.

«Comunicar Património» em Guimarães

O programa da Feira do Património deste ano inclui um seminário internacional dedicado ao tema «Comunicar Património», que pretende abordar o modo como as instituições patrimoniais encaram a comunicação da sua missão e serviços e qual a respectiva percepção por parte do público. O seminário terá lugar nos dias 10 e 11 de Outubro, entre as 9 e as 13 horas, na Plataforma das Artes e da Criatividade, em Guimarães. Recorde-se que a Feira dura três dias.

Poesia no Ateneu do Porto

No dia 4 de Outubro arranca o novo ciclo da ronda de poesia mensal no Ateneu Comercial do Porto, na Sala de Jogo. A primeira sessão deste novo ciclo (que se realiza aos 1.ºs sábados de cada mês), às 17 horas, terá como tema «Poetas da Monarquia e da República». José Carlos Tinoco, juntamente com Canto d'Alma (5/6 pessoas), será o declamador. Será ainda apresentado o livro «V Império», de Jacinto Alves, seguindo-se a conferência sobre a Carbonária e a República, por Maria Estela Guedes. A iniciativa - dinamizada por Henrique Dória, advogado e escritor - tem entrada livre e, dentro do tema, os presentes podem intervir lendo poemas. Antes do início da sessão, às 16 horas, será inaugurada a exposição «Cartazes do Estado Novo», sendo oradora Theresa Becco de Lobo. De assinalar que haverá uma sessão extraordinária da Ronda da Poesia no dia 11 sob o mesmo tema e com os mesmos declamadores.

«Um poder entre poderes»

O Seminário Maior de N.ª Sr.ª da Conceição do Porto acolhe o Colóquio Internacional «Um poder entre poderes» nos 900 anos da restauração da Diocese do Porto e da construção do Cabido Portucalense. A palestra realiza-se nos dias 17 (a partir das 9 horas) e 18 de Outubro (a sessão de encerramento está marcado para as 18 horas).

Jornadas Europeias do Património

A Direcção Regional de Cultura do Norte (DRCN) promove, no âmbito das Jornadas Europeias do Património (JEP), que decorrem de 26 a 28 de Setembro, a iniciativa «Um Post-it pelo Património», transversal a todos os monumentos e museus sob a sua alçada. Ainda no âmbito das JEP, para além de outras iniciativas descentralizadas, a DRCN promove, no dia 26, pelas 15 horas, no Centro Interpretativo do Castelo de Ansiães, em Carrazeda de Ansiães, a apresentação do livro «Onde Nada Se Repete - crónicas à volta do património», seguida de uma visita guiada ao Castelo e vila amuralhada de Ansiães.

Em nome de Camilo

A Câmara de Famalicão realiza a 10 e 11 de outubro os 1.ºs Encontros Camilianos de São Miguel de Seide. O programa inclui intervenções científicas de docentes especializados na temática camiliana; um «Roteiro Literário Camiliano» no concelho de Famalicão, a exposição "Espaços da Vida e da Ficção Camilianas em Vila Nova"; a apresentação da obra Calvário e Glória de Camilo, de Eduardo Sucena, por João Bigotte Chorão; uma visita orientada à Casa-Museu; um almoço com ementa camiliana; e recriações teatrais de trechos da bibliografia ativa do escritor.

«Turismo e Desenvolvimento Comunitário»

No dia 26 de Setembro, o auditório do Conservatório de Música de Bragança acolhe a conferência «Turismo e Desenvolvimento Comunitário». Com início às 21 horas, a discussão será centrada no potencial do Turismo na promoção de oportunidades para as comunidades em todo o Mundo, destacando a importância dos Luso-Descendentes como embaixadores por excelência da cultura portuguesa. Melchior Moreira, presidente da TPNP, E.R.; Hernani Dias, presidente da Câmara Municipal de Bragança; Emídio Gomes, presidente da CCDR-N; Emmanuelle Afonso, presidente do Observatório dos Luso-Descendentes; José de Almeida Cesário, secretário de Estado das Comunidades Portuguesas serão os intervenientes da sessão que conta ainda com um representante do Instituto Português e Desenvolvimento Turístico.

Porto recebe Baile Veneziano

Amanhã (27 de Setembro), o Palácio da Bolsa, no Porto, recebe o Baile da Abraço de angariação de fundos e de sensibilização da sociedade para a problemática do VIH/Sida. O evento - um Baile Veneziano - conta com bailarinos, músicos e companhias de teatro e de artes circenses. Com início às 21 horas, o evento conta ainda com algumas figuras públicas e recriará "o esplendor dos Bailes de Veneza inspirados no século XVIII através de um espectáculo de bailado que faz uma verdadeira viagem no tempo".

Na estação de Metro do Porto da Casa da Música
at Metro station of Casa da Música

INSTALAÇÃO INSTALLATION

entrada livre free admission

www.museudelamego.pt | www.valerovarosa.pt

10 out. | 10 nov. 2014

CISTER NO DOURO

UM TERRITÓRIO HISTÓRICO...

an historical territory

UM PATRIMÓNIO ÚNICO...

an unique heritage

NUMA EXPERIÊNCIA DE SOM E IMAGEM...

an experience of sound and image



SECRETARIO DE ESTADO
DA CULTURA



Metro do Porto

escritaria 2014
em Penafiel

1-5
Out
2014

LÍDIA JORGE

Homenagem à Vida e Obra

Fotografia de Almeida Cunha

Arte Pública | Conferências | Livros | Teatro de Rua | Cinema | Exposições | Entrevistas | Prémio Jornalístico | Roteiros - Escrita em Dia

CONFERENCISTAS

ANSELMO BORGES @ ANTÓNIO CARLOS CORTEZ @ CARLOS REIS
CONCEIÇÃO BRANDÃO @ CUCHA CARVALHEIRO @ EUNICE MUÑOZ
FERNANDO PINTO DO AMARAL @ INÊS PEDROSA @ JOSÉ CARLOS VASCONCELOS
JOÃO CÉU E SILVA @ JOSÉ FANHA @ KARIN VON SCHWEDER-SCHREINER
LUÍS RICARDO DUARTE @ MARIA MANUEL VIANA @ MÁRIO DE CARVALHO
MÓNICA BALDAQUE @ PATRÍCIA REIS @ PIERRE LÉGLISE-COSTA @ PILAR DEL RÍO

organizadores



media partners

